

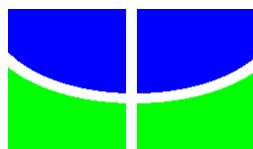
Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

JAKELINE VILELA DE SOUSA

**COMO A INTERATIVIDADE E AS PRÁTICAS DOCENTES
INFLUENCIAM NAS ATITUDES DOS EDUCANDOS DOS
ANOS INICIAIS**

Brasília

2016



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

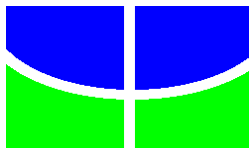
JAKELINE VILELA DE SOUSA

**COMO A INTERATIVIDADE E AS PRÁTICAS DOCENTES
INFLUENCIAM NAS ATITUDES DOS EDUCANDOS DOS ANOS
INICIAIS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação acadêmica da professora Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza.

Brasília

2016



Monografia de autoria de Jakeline Vilela de Sousa, intitulada: Como a interatividade e as práticas docentes influenciam nas atitudes dos educandos dos anos iniciais. Apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, em 29/12/2016, defendida e aprovada pela banca examinadora abaixo assinalada:

Professora Dra. Maria Emília Gonzaga de Souza - Orientadora
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Dra. Ireuda da Costa Mourao– Examinadora Interna
Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Especialista Suema Sousa Araujo– Examinadora Externa
Secretária de Educação do Distrito Federal

Brasília, 29 de dezembro de 2016.

“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida. ”

John Dewey

Dedico este trabalho a todos que me deram forças e não me deixaram desistir apesar de todas as barreiras da vida.

AGRADECIMENTOS

O presente Trabalho de Conclusão de Curso é o resultado de um esforço coletivo, sendo fruto do empenho de muitas pessoas envolvidas ao longo desses semestres de estudo. Esta prática nunca teria sido possível sem o apoio de vocês. A todos, minha sincera gratidão:

Como cristã agradeço primeiramente a Deus, por sempre me iluminar e me mostrar o melhor caminho a seguir;

Ao meu pai, *in memoriam*, por todos os ensinamentos que deixou, por suas palavras de apoio e pela persistência demonstrada até seus últimos momentos;

À minha mãe, sempre guerreira, que nunca me deixou desistir das batalhas da vida, e que sempre me surpreende com suas atitudes;

À professora Maria Emília, pela orientação acadêmica, pelo incentivo, por todas as reuniões e contribuições. Obrigada, professora, por todos os ensinamentos;

Aos meus professores, que contribuíram para o meu desenvolvimento acadêmico;

À minha irmã, Juliana, um exemplo de vida, que me ensinou a conseguir as coisas por meio da dedicação aos estudos. Eu tenho orgulho de ser sua irmã;

Aos meus “quase” irmãos, Adam, Késsia, Lorena e Loreane, que sempre foram presentes na minha vida acadêmica e pessoal. Vocês são meus exemplos de persistência e de dedicação aos estudos;

A minhas colegas de estudos Erika e Carla, companheiras para além da universidade, que me apoiaram durante todo o curso e me fizeram rir bastante durante todo esse tempo juntas;

A todos os amigos de longa data e àqueles que fiz durante o curso, por continuarem sendo meus amigos, mesmo com a minha enorme ausência e por sempre estarem lá quando eu precisava espalhar;

Às diretoras, aos servidores, aos colaboradores e principalmente às professoras e aos alunos da escola observada. Sem vocês este trabalho não seria possível;

A todos que de alguma forma participaram desse momento tão importante: meu muito obrigada.

RESUMO

A presente pesquisa aborda a temática da interatividade e as práticas docentes e como influenciam nas atitudes dos educandos dos anos iniciais e tem por questão principal: Como a relação professor – aluno (e a prática dos docentes) pode influenciar nas atitudes dos alunos? A pesquisa aborda conceitos como: a relação desses sujeitos, as práticas docentes, a interatividade, o comportamento dos alunos, os momentos cooperativos e competitivos. Desta forma, o objetivo geral é: analisar a influência da interatividade e práticas docentes nas atitudes/ aprendizados dos educandos dos anos iniciais. Constituíram-se objetivos específicos da pesquisa: Analisar as práticas docentes e suas influências nas atitudes dos educandos, identificar práticas pedagógicas que favorecem a participação e o diálogo entre educandos, identificar práticas pedagógicas que favorecem a cooperação e/ ou competição, verificar a cooperação e a competição no cotidiano da sala de aula. Este trabalho foi resultado de uma observação participativa que foi realizada durante o estágio supervisionado de uma das disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília. Como escolha metodológica, optou-se pela abordagem qualitativa, com características da pesquisa etnográfica. A fundamentação teórica foi apresentada junto com a análise de dados. Buscou-se analisar o cotidiano de duas professoras e seus educandos de segundo e terceiro ano, em uma Escola Pública do Plano Piloto, na cidade do Distrito Federal. Com base nas análises, constatou-se que a interatividade e o diálogo entre professores-alunos são fundamentais para o processo de ensino-aprendizagem.

Palavras-chave: Educação. Interatividade. Diálogo. Cooperação e competição.

SUMÁRIO

MEMORIAL EDUCATIVO	9
MONOGRAFIA	
INTRODUÇÃO	16
1. METODOLOGIA	18
1.1 Instrumento de Pesquisa	19
1.2 Coleta de dados e grupo de estudo	19
1.3 Cenário da Pesquisa e as professoras	21
1.4 Teoria e prática articuladas: Uma possibilidade de diálogo entre autores e pesquisadora	22
2. Teoria praticada e prática teorizada	23
2.1 Interatividade entre professor e aluno: práticas docentes	23
2.1.1 Observação na turma da professora Ana	26
2.1.2 Observação na turma da professora Beatriz	32
2.2 Estudo empírico: algumas reflexões das práticas pedagógicas e relações sociais entre professor –aluno	38
2.3 Interatividade entre alunos	41
3. Diálogo: Um elemento mediador das práticas pedagógicas	47
4. Competição e cooperação no espaço escolar	53
4.1 Competição na sala de aula	54
4.2 Cooperação no espaço educativo	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	60
PERSPECTIVAS FUTURAS	64

MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL EDUCATIVO

Nascida no inverno de 1994, em Brasília - DF, filha de um cearense e uma mato-grossense, concebida após dez anos de relacionamento, recebi o nome de Jakeline Vilela de Sousa. Meu primeiro nome foi escolhido pela minha irmã. Tenho duas irmãs por parte de mãe, que convivem comigo desde meu primeiro dia de vida, e dois irmãos que conheci somente este ano, por parte de pai. Sou filha única da união dos meus progenitores.

Meus estudos sempre foram cobrados pela minha irmã Juliana, minha irmã do meio. Patrícia, minha irmã mais velha, saiu cedo de casa, então não crescemos juntas. Meus pais tinham pouca instrução escolar. Meu pai tinha completado o antigo científico, e minha mãe sabe ler e escrever com algumas dificuldades. Eles nunca me cobraram muitos esforços. Acredito que se eu soubesse o básico, eles ficariam felizes, mas minha irmã sempre me incentivou a querer algo a mais e estudar para ter um bom futuro. Até hoje ela faz isso. Meu primeiro livro foi ela que me deu: “A bolsa Amarela”, de Lygia Bojunga. Amei o livro da capa até o último ponto da história. Me identificava com a personagem principal da trama e queria viver como ela. Tenho poucos livros em casa, por não ter dinheiro para compra-los, mas quase toda semana pegava livro na biblioteca da escola para ler em casa. O ato da leitura além de me proporcionar conhecimentos, tornou-se um hábito e me familiarizou com o mundo da escrita. Hoje, quando tenho momentos livres, gosto de escrever alguns poemas e contos.

Estudei durante todos os anos da minha vida em instituições públicas de ensino. Meus pais nunca tiveram muitas dificuldades comigo na escola. Como sempre fui uma criança “comportada”, não precisei trocar muito de escolas, somente ia para outra quando se encerrava um ciclo na antiga. Minha vida escolar começou aos cinco anos de idade, na Escola Classe 21 de Taguatinga. Na época, essa instituição estava começando um processo de inclusão, para receber alunos surdos e ensinar a todos, mesmo os ouvintes, os sinais básicos para comunicação da Língua Brasileira de Sinais. Em 2013, esta escola foi reinaugurada como a primeira e única instituição Bilíngue de Libras e Português escrito do Distrito Federal.

Não tenho muitas recordações do meu primeiro ano na escola, o ano de 1999. Entretanto, meus familiares me contam que no primeiro dia de aula, minha mãe foi me deixar e eu fiquei chorando e, nos dias seguintes, meu pai ia me deixar na escola,

entrando algumas vezes na sala de aula para que eu ficasse calma e sem chorar. Não demorou muito e me acostumei com o novo ambiente social. Desse ano, tenho meu certificado da sementinha, com meu nome e o nome da diretora da escola, no entanto, não consta o nome da professora e não me recordo nada dela.

No segundo ano de escola, minha professora era a Geralda. Recordo-me que ela era bem rígida com seus alunos, entretanto eu aprendi muitas coisas com ela e, como eu era uma criança maior e mais gordinha que as outras, não me envolvia muito com os colegas de classe. Eu era, e sou até hoje, muito tímida, então no horário do recreio, preferia ficar na sala de aula com a professora, ajudando-a com o mural da sala, arrumando as carteiras, cortando atividades, entre outras coisas. Gostei da minha professora da terceira série, Liliane, e minha relação com ela era parecida com a relação que tinha com a professora citada anteriormente.

Na quarta série, fui marcada pelo Programa Educacional de Resistência às Drogas, conhecido como Proerd, e pela policial Wilma que visitava minha sala às sextas-feiras às dez horas da manhã, para fazer as atividades da apostila e cantar a canção: *“Proerd é um programa, Proerd é a solução, lutando contra as drogas, ensinando a dizer não!”* Eu adorava cantar esse trecho da música e guardei todos os ensinamentos deste projeto. Nunca utilizei bebidas ou drogas. Por um lado foi pelo programa e, por outro, por que prometi a mim mesma que seria diferente do meu pai, que na época era alcoólatra.

Essa série também foi marcada pelos primeiros sinais de *bullying* em minha vida. Por eu ser gordinha, meus colegas de classe me apelidavam e faziam brincadeiras maldosas comigo. Eu tentava resolver os problemas sozinha, não contando aos meus familiares e nem educadores. Às vezes, como forma de defesa, eu batia nas crianças e cresci com a fama de “valente” entre os colegas de classe.

Cursei os anos finais do meu ensino fundamental no Centro de Ensino Fundamental 12 de Taguatinga (CEF 12), uma escola com fama de perigosa. Minha irmã Juliana já tinha estudado lá e me contava algumas histórias. Meu primeiro ano nessa escola, na antiga quinta série, foi um pouco complicado, pois foi a inserção em uma forma de estudo diferente: haveria um professor para cada matéria e a quantidade de disciplinas aumentaria, o que me levou a aumentar minha responsabilidade nos estudos. Foi mais fácil aceitar essa mudança, pois a maioria dos meus amigos foi para a mesma escola que eu. Não tenho muitas lembranças do meu ensino fundamental e não tinha muito contato com os professores. Gostava de passar

o horário do intervalo jogando vôlei ou na biblioteca. Minha mãe trabalhava fora e meu pai, por ser mecânico e ter uma oficina em casa, ficava responsável de ir às minhas reuniões de escola para pegar meus boletins de nota, mas quem sempre verificava e dizia que eu poderia me esforçar era a Juliana.

Minha maior lembrança do ensino fundamental foi da oitava série, quando na aula de educação física eu virei o pé e chamaram meu pai na escola para me levar para o hospital. Essa situação ocorreu uma semana antes da semana de prova, e como eu precisava ficar em repouso e não podia colocar o pé no chão tive que ficar em casa e repor as provas.

Em todos os anos que estudei nessa escola eu era Representante de Turma, pois tinha um bom comportamento e notas regulares, e gostava de ajudar os professores. No último período, participei do grêmio estudantil com a intenção de ajudar os alunos a terem um maior diálogo com os representantes da escola.

No ensino médio, fui para o Centro Educacional 04 de Taguatinga, outra grande mudança que envolvia mais disciplinas e mais professores. A maioria dos meus colegas viraram amigos e continuaram estudando comigo. No primeiro ano, tive problemas com notas durante o primeiro semestre, pois era muito conteúdo para ser estudado, entretanto nunca reprovei e me recordo que quando fiquei de recuperação na sétima série, em Geografia, levei um sermão da minha irmã. As matérias que eu tinha mais dificuldades eram as de exatas, mas, inacreditavelmente, no meu terceiro ano consegui tirar 8 na disciplina de física, a média das disciplinas era 5 e eu sempre ficava com uma nota próxima. No ensino médio tentei ser comunicativa com os professores. Alguns deles tinham dado aula para Juliana e perguntavam por ela. Tive professores bem inusitados nesta época, desde o professor metaleiro até a “patricinha” que sempre dava aula de salto.

Minha turma era unida. Às vezes gostávamos de fazer lanches coletivos na sala de aula e, no horário do intervalo, gostávamos de jogar UNO. Muitos alunos da turma se reuniam no refeitório para jogar. No meu segundo ano tive que ser trocada de sala pois estava sofrendo *bullying* na sala: colegas estavam fazendo brincadeiras por eu ser acima do peso. Minha irmã Juliana foi à escola e conversou com a coordenadora, que fez algumas campanhas para incentivar o respeito às diferenças na escola.

Meu terceiro ano foi o ano mais marcante no meu ensino básico. Tivemos uma feira de ciências na escola e uma semana cultural. Minha turma ficou com o

México: nos caracterizamos com roupas típicas desse país, fizemos comidas típicas, montamos um *stand*, e ainda tivemos um dia de apresentação em que dançamos uma música mexicana. Minha turma gostava de se reunir e ensaiar nos momentos livres ou íamos para uma quadra perto da escola jogar basquete.

Nesta etapa meu pai sofreu um pequeno corte no dedo do pé, mas por ele ser diabético inflamou e ele ficou muito tempo internado, até que teve que amputar sua perna esquerda até a altura da canela. Foi um choque acompanhar ele durante quase todo o ano no hospital e vê-lo amputado. Desse episódio em diante comecei a cuidar melhor dele, aplicando-lhe insulina e controlando seus remédios. Como eu faltava às aulas ou perdia a concentração para acompanhá-las, meus professores me passavam atividades para fazer no hospital e sempre foram bem compreensíveis. Se não fosse por eles me ajudarem, não sei se teria conseguido passar de ano. Quando eu tinha tempo gostava de estar presente durante as atividades com meus colegas de classe.

No final de 2011, minhas professoras Gislaine, de português, e Elaine, de sociologia, montaram um projeto social e levaram os alunos para visitar um abrigo que acompanha menores que sofreram maltrato, com o intuito de dar a eles um dia de alegria. Foi preparado um espetáculo no qual alguns alunos se fantasiaram da Turma do Chaves e os outros se fantasiaram de palhaços, de bonecas ou com características brega.

Minha escola do Ensino Médio nunca teve o foco do ensino voltado para o Programa de Avaliação Seriada (PAS), Vestibular ou Enem. Os professores passavam somente os conteúdos básicos da Secretária de Educação e raramente nos falavam das datas das provas. Sinto que essa falta de comunicação com os alunos foi prejudicial, pois muitos poderiam ter tido chances melhores de cursar o nível superior. Eu sempre tive a ideia de ser professora. Tenho 4 sobrinhos e sempre gostei de ensiná-los a fazer o dever de casa, mas quando fui escolher pela primeira vez a opção de curso para ingressar na universidade coloquei Ciência da Computação, pois era uma profissão que poderia me dar melhores recursos de vida e meu cunhado e a irmã dele falavam muito bem desse curso. Entretanto, não sei nada sobre este curso e acho que não me adaptaria. Hoje até agradeço por não ter passado, pois poderia ter ficado decepcionada com a escolha.

No segundo semestre de 2012 prestei o vestibular para Pedagogia para tentar a opção que eu queria desde o começo e, para minha felicidade, na sexta-feira dia 13 de julho de 2012, meu nome estava na lista de candidatos do vestibular aprovados

para Pedagogia Noturno na Universidade de Brasília. Eu estava na casa da minha irmã Juliana quando recebi a notícia, ela me levou para conhecer a Universidade de Brasília. Mas como nem ela conhecia, ficamos perdidas até achar o ponto de comemoração e ela fez questão de me sujar de tinta, farinha, terra e não sei mais o quê (risos). Foi um dia inesquecível, meus pais ficaram muito contentes por ter uma filha que ia estudar em uma instituição de ensino superior pública e de qualidade. Se eu não tivesse passado, teria que trabalhar durante o dia e pagar uma faculdade à noite e não teria as grandes oportunidades que tive na universidade, por ter o currículo aberto e possibilitar aos alunos conhecer disciplinas optativas de diversos departamentos.

A escolha do tema do meu Trabalho Final de Curso pautou-se no meu interesse em analisar as relações dos professores com educandos, pois quando eu cursei o ensino básico, apesar de interagir com todos, por ser uma menina tímida, quase não brincava com meus colegas de classe, mas tinha uma comunicação boa com meus professores e ajudava com as atividades da sala. Eu quis analisar algumas práticas atuais e observar essa relação, contudo não deixei a minha vivência/experiência influenciar nas observações.

Na universidade, tive diversos professores, em disciplinas obrigatórias e optativas, e percebi que os educadores universitários, diferentemente daqueles da educação básica, querem dar autonomia aos alunos, fazendo com que sejam sujeitos críticos e contribuindo para a diminuição do seu nível de dependência intelectual. Nos primeiros semestres foi difícil entender essa prática, entretanto hoje considero que é fundamental para os universitários terem essa nova perspectiva de vida, tanto pessoal como acadêmica.

Atualmente, como aluna e futura professora, acredito que ensinar é uma atividade social, pois contribui para a conscientização e a formação de cidadãos.

MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A criança, antes de ter contato com o ambiente escolar, já possui do seu cotidiano saberes, mas a escola e os professores têm um papel fundamental na vida dos educandos, uma vez que no colégio esses conhecimentos podem ser ampliados, novos conhecimentos podem ser construídos e articulados com teorias. A escola é ainda o local onde a criança permanece uma boa parte da sua infância e, posteriormente, adolescência, convivendo com os outros indivíduos e participando de relações sociais.

O ambiente escolar proporciona diferentes dimensões do desenvolvimento humano por meio das relações sociais, pois por meio delas os sujeitos constroem seus significados. Segundo Martins (1997), a constituição do ser humano se dá pela vivência com os outros, que se consolida na vida adulta. As crianças na escola constroem os conhecimentos vinculados com os processos de interação. A convivência é uma condição substancial para a vida humana. Conforme aumentamos as relações interpessoais e sociais, ampliamos nossas perspectivas.

Este trabalho monográfico apresenta uma pesquisa e um aprofundamento de diário de campo de observações feitas durante o estágio supervisionado, de uma das disciplinas obrigatórias para formação acadêmica da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Neste estudo, foi utilizada uma abordagem qualitativa e podem ser encontradas características da pesquisa etnográfica.

A temática desta monografia é a interatividade entre professoras/alunos e alunos/alunos. Para isto foram observadas e registradas, durante dois semestres, as práticas pedagógicas de duas professoras, sendo citadas no presente trabalho com os nomes fictícios de professora Ana e professora Beatriz. Ambas são docentes há mais de vinte e cinco anos e atualmente atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de ensino do Distrito Federal, situada na Asa Norte. Nesses acompanhamentos, foi possível observar que as práticas pedagógicas utilizadas pelas professoras tinham semelhanças e diferenças que serão descritas em análises posteriormente.

A problematização para a pesquisa foi: Como a relação professor – aluno (e a prática dos docentes) podem influenciar nas atitudes dos alunos? Para tentar responder este problema o trabalho teve como objetivo geral: analisar a influência da interatividade e práticas docentes nas atitudes/ aprendizados dos educandos dos

anos iniciais. Tendo como objetivos específicos: Analisar as práticas docentes e suas influências nas atitudes dos educandos, identificar práticas pedagógicas que favorecem a participação e o diálogo entre educandos, identificar práticas pedagógicas que favorecem a cooperação e/ ou competição, verificar a cooperação e a competição no cotidiano da sala de aula.

A proposta metodológica adotada envolve um diálogo entre a teoria e a prática vivenciada durante as observações. No processo de construção deste trabalho, a fundamentação teórica foi articulada com a observação realizada no ambiente escolar. A escolha dessa abordagem metodológica se justifica pela possibilidade de apropriação de conhecimento utilizando as contribuições teóricas vinculadas à realidade analisada, por meio da utilização de dados coletados e registrados em diário de campo. Cabe ressaltar que foram selecionados apenas dados relativos a situações relacionadas ao tema proposto.

Visando orientar o desenvolvimento, este trabalho monográfico foi escrito em quatro capítulos:

No primeiro capítulo, é apresentada a Metodologia adotada que estruturou toda a pesquisa.

No segundo capítulo, para análise de dados, foram descritas algumas práticas pedagógicas das duas docentes observadas e suas relações sociais com os educandos, trazendo principalmente o conceito de interatividade. A descrição dos dados coletados foi articulada com a fundamentação teórica.

No terceiro capítulo, foi destacado o Diálogo que representa a forma de comunicação em sala de aula.

No último capítulo, foram definidos os termos de Cooperação e Competição e como os aspectos de cooperar e competir foram observadas no cenário escolar.

1. METODOLOGIA

Este Trabalho de Conclusão de Curso teve como problema de pesquisa: Como a relação professor – aluno (e a prática dos professores) podem influenciar nas atitudes dos alunos? Para tentar responder a esta questão foi realizada uma observação participativa em uma escola pública da região administrativa do Plano Piloto – Distrito Federal, com uma turma de Anos Iniciais do Ensino Fundamental e duas professoras. Pode-se definir como pesquisa “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 1943, p.1). A pesquisa é uma ação humana e social, e o investigador, para se nortear, define seus interesses, para que esta não fique ampla e sem foco, sendo que “a observação direta permite que o observador chegue mais perto da 'perspectiva dos sujeitos', um importante alvo nas abordagens qualitativas” (LUDKE e ANDRÉ, 1986 p. 26).

Para a realização deste estudo, foram utilizados a abordagem qualitativa e o estudo de caso, por meio do qual foram coletados dados que foram posteriormente analisados com base no conhecimento teórico adquirido no decorrer da formação e durante o estágio. “A simples coleta e tratamento de dados não é suficiente, se faz necessário resgatar a análise qualitativa para que a investigação se realize como tal e não fique reduzida a um exercício de estatística. ” (GAMBOA, 2007, p. 40). A análise qualitativa ocorreu na busca de percepções e entendimentos implícitos dos sujeitos observados. Segundo Ludke e André (1986), os estudos de caso realizados por um pesquisador procuram demonstrar a realidade de forma completa e profunda, em que são identificados os aspectos presentes numa determinada situação ou problema. Gil (1943) afirma que por meio de um estudo de caso pode ser conhecido de maneira ampla e detalhado o objeto ou objetos estudados.

Neste estudo, podem ser encontradas características da pesquisa etnográfica, uma vez que há um contato direto e por um tempo considerável do pesquisador com as pessoas selecionadas para o estudo. Neste caso, houve contato com os sujeitos da pesquisa em dois semestres com os educandos e um semestre com cada docente. A observação participante é exigida em uma das disciplinas obrigatórias para a formação no curso de Pedagogia da Universidade de Brasília, por meio da observação participante, são acumuladas descrições gerais, que permitem

conhecer a realidade estudada, para a realização posterior de análises e interpretações. (ANDRÉ, 2010).

1.1 Instrumento de pesquisa

Neste estudo de caso, o instrumento utilizado para a coleta dos dados foi o diário de campo elaborado durante a observação participativa em uma escola que atende os Anos Iniciais. Segundo Gil (1943):

(...) a observação participante consiste na participação real do pesquisador na vida da comunidade, da organização ou do grupo em que é realizada a pesquisa. O observador assume, pelo menos até certo ponto, o papel de membro do grupo. (GIL, 1943, p. 121).

A elaboração do diário de campo é a fase de sistematização da inserção no ambiente escolar. Os diários de campo foram feitos por meio dos registros diários das observações participativas sobre as vivências que ocorreram dentro e fora de sala de aula, sendo que foram organizadas e descritas somente práticas relevantes para a formação acadêmica e com o foco no objeto de estudo. Segundo Ludke e André (1986, p. 22), “a seleção de aspectos mais relevantes e a determinação do recorte é, pois, crucial para atingir os propósitos do estudo de caso e para chegar a uma compreensão mais completa da situação estudada”.

1.2 Coleta de dados e grupo de estudo

A coleta de dados ocorreu em uma escola de ensino fundamental de anos iniciais durante o estágio supervisionado de uma das disciplinas obrigatórias do curso de Pedagogia da Universidade de Brasília: Projeto 4. Essa disciplina é pré-requisito para o Trabalho de Conclusão de Curso. Os dados coletados durante a observação participativa foram pertinentes para a pesquisa, pois possibilitaram a análise das práticas pedagógicas de duas docentes e o desenvolvimento dos educandos. O projeto era de observação participativa e tem por objetivo, como o próprio nome diz, observar as práticas pedagógico-educacionais dos professores regentes em sala de aula e auxiliar nas atividades, registrando o processo vivenciado, contando ainda com

momentos de regência. Essa participação do estudante nas escolas antes da conclusão do curso contribui para uma melhor formação e reconhecimento do ambiente escolar, além de proporcionar um espaço e um tempo de pesquisa.

Nesta pesquisa o ambiente estudado foi a sala de aula, com o foco nas relações entre docentes e discentes. As observações foram feitas em dois semestres com educandos da mesma turma, entretanto em séries e com professoras diferentes em cada período. No segundo semestre, a classe era composta por vinte e dois alunos, sendo onze meninas e onze meninos, com idades entre oito e nove anos, entre eles, uma menina e dois meninos que utilizavam óculos, sendo que um deles era daltônico. Alguns tinham laudo de hiperatividade, TDAH e outros ainda estavam em fase de acompanhamento para possível diagnóstico.

Durante os dois semestres de observação na escola, foi necessário fazer um diário de campo contendo a sistematização das observações participantes das vivências no ambiente escolar. Nele foram feitos registros dos dados a serem analisados posteriormente, dentre os quais foram selecionados os pontos mais relevantes para alcançar os objetivos desta pesquisa. Os registros são importantes, pois apresentam os fatos ocorridos, facilitando a organização de informações conforme é percebido no pensamento abaixo:

O observador, precisa aprender a fazer registros descritivos, saber separar os detalhes relevantes dos triviais, aprender fazer anotações organizadas e utilizar métodos rigorosos para validar suas observações. Além disso, precisa preparar-se mentalmente para o trabalho, aprendendo a se concentrar durante a observação, o que exige um treinamento dos sentidos para se centrar nos aspectos relevantes. Esse treinamento pode ocorrer em situações simuladas ou no próprio local em que ocorrerá a coleta definitiva de dados, bastando para isso que seja reservada uma quantidade específica de tempo para essa atividade. (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 26).

O diário de campo serviu como base para a construção deste trabalho acadêmico, uma vez que nele estavam descritas as práticas pedagógicas das duas professoras observadas e as relações sociais instituídas nas salas de aula. Foi possível observar também a socialização das crianças dentro do ambiente escolar, como elas auxiliavam umas às outras nas atividades e como construíam um processo interativo. Os objetivos da pesquisa sempre estiveram presentes como base para a observação. O objetivo geral: analisar a influência da interatividade e práticas docentes nas atitudes/ aprendizados dos educandos dos anos iniciais; e os objetivos

específicos: analisar as práticas docentes e suas influências nas atitudes dos educandos; identificar práticas pedagógicas que favorecem a participação e o diálogo entre educandos, identificar práticas pedagógicas que favorecem a cooperação e/ ou competição e verificar a cooperação e a competição no cotidiano da sala de aula.

1.3 Cenário da pesquisa e as professoras

A escola onde foram feitas as observações participativas é uma instituição pública na região administrativa do Plano Piloto – Distrito Federal que funciona nos turnos matutino e vespertino, atendendo crianças do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. A escola conta com um espaço físico com: uma biblioteca à qual os alunos têm acesso durante o horário de aula e recreio, direção, sala de professores, sala de reunião, sala para atendimento especializado para crianças com necessidades educacionais especiais, laboratório de informática, laboratório de artes, cantina, pátio, quadra de esportes, banheiros para alunos, banheiros para funcionários, professores e visitantes e nove salas de aula amplas. A escola, para marcar os horários de entrada e saída, utiliza-se de músicas, principalmente MPB, ao invés de sino.

As salas em que foram feitas as observações são padronizadas, diferenciadas somente pelas decorações feitas pelas professoras. São salas espaçosas com mesas e cadeiras, quadro branco, mesa para professora, televisor, armários para as professoras, relógio, murais feitos pelos alunos, espaço para leitura, alfabeto, numerais, calendário, rotina no quadro, entre outros. Os professores dos turnos matutino e vespertino se organizam para decorar a sala, tanto com os ornamentos educacionais como também com decoração com temas festivos.

A primeira professora regente observada é a Ana (nome fictício), a qual tem experiência de vinte e cinco anos de prática em sala de aula e dezessete anos na Secretaria de Educação do Distrito Federal, com especialização em psicopedagogia. No começo da carreira atuava em escolas do entorno com dificuldades de ensino e com o passar dos anos foi transferida de regional.

A segunda professora regente observada é a Beatriz (nome fictício), a qual tem experiência de vinte e sete anos no ambiente escolar e quatro anos na referida escola. Começou sua carreira como docente em escolas do entorno do Distrito Federal, na cidade de Planaltina do Goiás.

1.4 Teoria e prática articuladas: Uma possibilidade de diálogo entre autores e pesquisadora

Nesta pesquisa, optou-se por fazer a fundamentação teórica acerca do objeto investigado juntamente com a descrição das observações participantes, retiradas do diário de campo. Por consequência, houve um diálogo entre teoria e prática.

O trabalho de campo deve ser realizado a partir de referenciais teóricos e também de aspectos operacionais. Isto é, não se pode pensar num trabalho de campo neutro. A forma de realiza-lo revela as preocupações científicas dos pesquisadores que selecionam tanto os fatos a serem observados, coletados e compreendidos como o modo que vai recolhê-los. (DESLANDES, 2010, p.63).

Os principais referenciais teóricos utilizados foram autores que tratam da interatividade, da relação professor-aluno, do diálogo, da colaboração e da competição. A teoria foi a base do presente trabalho acadêmico, que foi construído por meio de um exercício pessoal constante de revisão e investigação dos saberes adquiridos no percurso de formação, com o propósito de ampliar o conhecimento como pesquisador. “Os conceitos podem orientar a interpretação, uma vez que conjugados, ajudam-nos a teorizar acerca dos sentidos da vida social” (DESLANDES, 2010, p.98).

Portanto, este trabalho, de forma dinâmica, buscou fazer uma escrita textual utilizando a teoria e a análise de dados juntas. Os capítulos a seguir apresentam as análises dos dados coletados, onde as descrições e debates do objeto de estudo foram combinados com a fundamentação teórica.

2. Teoria praticada e prática teorizada

A partir deste capítulo serão abordados os principais conceitos que permeiam este trabalho monográfico, como: Interatividade, Diálogo, Práticas pedagógicas colaborativas, Competição e Cooperação. A análise foi apresentada de forma a garantir uma relação dinâmica entre os autores, que fizeram parte do referencial teórico, e as observações participantes da pesquisadora.

Este trabalho visa reponder a questão: Como a relação professor – aluno e a prática de professores podem influenciar nas atitudes interativas dos alunos? Portanto, para isso foi estabelecido como Objetivo Geral: Analisar a influência da interatividade e práticas docentes nas atitudes/ aprendizados dos educandos dos anos iniciais.

Para tentar responder algumas outras questões que surgiram com relação a essa temática, temos os objetivos específicos:

1. Analisar as práticas docentes e suas influências nas atitudes dos educandos;
2. Identificar práticas pedagógicas que favorecem a participação e o diálogo entre educandos;
3. Identificar práticas pedagógicas que favorecem a cooperação e/ ou competição;
4. Verificar a cooperação e a competição no cotidiano da sala de aula.

2.1 Interatividade entre professor e aluno: práticas docentes

O conceito de interatividade é importante para esta pesquisa, pois foi o eixo central. Pode-se considerar o conceito de interatividade, a partir de uma composição das percepções de Martins (1997), Matta (2008) e Silva (2003), como uma troca de relações complexas. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa Aurélio (2014), interatividade é a capacidade de interagir, que segundo o autor deriva da palavra interativo, ou seja, o processo parte dos sujeitos.

Neste capítulo serão trabalhadas as interações em um contexto específico – dentro de sala de aula, no processo de ensino-aprendizagem, com base em observações das relações entre professoras e educandos que se estabeleceram durante as atividades escolares. “A relação professor-aluno é uma condição do

processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo”. (MULLER, 2002, p.276). Neste processo interativo, não foi dada atenção somente ao professor ou ao aluno, mas ao campo interativo que havia entre eles, pois “O importante é perceber que tanto o papel do professor como o do aluno são olhados não como momentos de ações isoladas, mas como momentos convergentes entre si” (MARTINS, 1997, p.121).

Com base nas observações, que serão descritas ao longo deste trabalho monográfico, foi notado que as relações sociais dentro do ambiente escolar podem afetar o modo de ensino do professor e a compreensão e aprendizado dos alunos. A maneira como os sujeitos interagem em sala de aula influencia a comunicação, a transmissão e a recepção de conhecimentos.

O processo interativo é algo complexo, pois tem uma multiplicidade de perspectivas que é resultante da contribuição de diversos indivíduos. No contexto da sala de aula, os professores são os principais responsáveis pela inserção de conteúdos escolares, pois possuem uma carga maior de conhecimentos educativos, e os educandos são sujeitos que participam deste processo com seus conhecimentos primários, que podem ser aprofundados com a mediação do docente. Pode-se dizer que estudantes não estão em busca de respostas prontas, mas desejam fazer parte do processo. É por meio da mediação dos professores que o conhecimento é construído.

Quando imaginamos uma sala de aula em um processo interativo, estamos acreditando que todos terão possibilidade de falar, levantar suas hipóteses e, nas negociações, chegar a conclusões que ajudem o aluno a se perceber parte de um processo dinâmico de construção. (...). Onde o professor seja o articulador dos conhecimentos e todos se tornem parceiros de uma grande construção. (MARTINS, 1997, p.118).

As relações sociais estão presentes nos processos educativos. Freire (2016) e Vygotsky (1991) afirmam em seus trabalhos que as relações professor/aluno e aluno/aluno são fundamentais para a aprendizagem e o desenvolvimento dos sujeitos. Ambos os autores trazem reflexões coincidentes sobre a educação, demonstrando uma aproximação entre as teorias, uma vez que consideram que o processo pedagógico necessita ser um processo dialógico, necessitando da participação ativa de professores e alunos.

Para ocorrer a interatividade é necessário que os sujeitos participem das relações sociais. Para Piaget, o "ser social" é aquele que consegue relacionar-se com seus semelhantes da forma equilibrada" (TAILLE, 1992, p.14). As interações sociais dentro de sala de aula começam com a mediação das docentes, que ao longo do desenvolvimento educacional promovem novos conhecimentos e significados aos educandos. Citado em Moreira, (2000, p. 9), Gowin (1981) nos diz: "A interação social é indispensável para a concretização de um episódio de ensino. Tal episódio ocorre quando professor e aluno compartilham significados em relação aos materiais educativos do currículo. " Na sala de aula há troca de informações durante todo processo interativo, havendo o compartilhamento de conhecimentos que possibilita que o sujeito apreenda os ensinamentos e construa novos saberes.

Segundo a teoria histórico-cultural, o indivíduo se constitui principalmente por meio das interações sociais e, na leitura de Marques (2005), entendemos que Vygotsky indica que a construção do conhecimento vem de uma ação compartilhada, que resulta num processo de mediação entre sujeitos, e esta é condição indispensável para a aprendizagem. Sendo assim, o outro tem papel imprescindível na construção do conhecimento. A comunicação na sala de aula facilita o desenvolvimento e o aprendizado dos sujeitos e proporciona uma maior interação entre eles.

Para analisar essas interações, as práticas docentes e suas influências nas atitudes dos educandos, foram utilizadas as descrições das práticas pedagógicas propostas pelas docentes nos dois semestres de observação, em uma escola de anos iniciais, sendo que somente foram citados os episódios que visavam responder os objetivos deste estudo de caso. As práticas que serão descritas são de duas professoras: a primeira, Ana, que ocorreu no segundo semestre de 2015, mais especificamente nos meses de setembro e outubro. A segunda ocorreu no primeiro semestre de 2016, nos meses de abril a junho na sala da professora Beatriz (nomes fictícios). As práticas observadas foram com duas professoras distintas, entretanto com os mesmos alunos, sendo que no segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental.

A interatividade foi a base desta monografia, pois:

As relações entre o professor e o aluno sempre foram um assunto presente nas concepções de ensino das tendências pedagógicas. Com enfoque de como deveria ser o comportamento de professores e alunos enquanto mestres e aprendizes; e como as diferentes relações

entre esses sujeitos podem afetar o processo de ensino-aprendizagem. (COLODEL, 2010).

A escola é uma das fontes mais importantes para promover o desenvolvimento dos sujeitos, pois há diversos contextos de interatividade. Houve dois momentos de observação na sala de aula, e com o objetivo de articular a teoria com a prática, serão narradas as observações analisadas à luz da teoria.

2.1.1 Observação na turma da professora Ana

Começando o relato das observações do ano de 2015, algumas práticas frequentes puderam ser observadas. A professora Ana no começo da aula sempre pedia aos alunos para organizar as cadeiras, colocando-as nas linhas, nas segundas e terças-feiras as meninas ajudavam a organizar, nas quartas e sextas-feiras eram os meninos que ajudavam. Normalmente, as crianças chegavam à sala e já começavam a organizar sem que a professora solicitasse. Nas quintas-feiras as crianças tinham aula na Escola Parque¹. Após a arrumação, ela indicava onde as crianças iriam se sentar, para isso ela observa os educandos que tinham alguma dificuldade na visão, na fala ou de atenção, pois esses, segundo ela, precisavam ficar mais próximos ao quadro e à sua mesa.

Após o recreio, a professora tinha o costume de ler histórias para as crianças se acalmarem e voltarem ao ritmo da aula. Os educandos diariamente agiam da mesma maneira. Foi possível constatar essa repetição, pois normalmente as crianças mesmo agitadas com as brincadeiras, ficavam quietas quando a professora entrava, apagava as luzes e começava a leitura. Em momento de conversa com a professora no período da pesquisa, ela foi questionada sobre o porquê das histórias após o recreio, ao que respondeu que era uma forma de trazer cultura para as crianças e também uma forma de contato com a leitura. No entanto, pode-se notar que as crianças não eram participantes ativos do processo, eram somente ouvintes, não escolhiam a história e nem mesmo tinham espaço para elas mesmas lerem. Algumas histórias não despertavam interesse das crianças e elas começavam a interagir entre si. Segundo Carvalho (2005), contar uma história para crianças é uma arte dos

¹ As Escolas Parque do Distrito Federal visam complementar a educação básica no Distrito Federal com atividades (educação física e artes) no contraturno.

adultos, e ouvir histórias contadas pelos professores faz as crianças pensarem sobre o conteúdo transmitido, e há contato com a linguagem escrita e oral. Pode-se inferir que todas as atividades e práticas pedagógicas dentro de sala de aula necessitam de um sentido orientado pelos professores para proporcionar aos estudantes a compreensão e o conhecimento, e o modo como o educador se expressa faz com que os estudantes sejam mais ou menos receptivos aos conteúdos.

A professora tinha um combinado com os alunos: ao invés de chamar a atenção quando eles estavam fazendo barulho ou fora de suas carteiras, ela levantava a mão e dizia: *“Minha mão está levantada, estou com a palavra”*, às vezes por conta da grande distração demorava algum tempo, mas ela não falava mais nada até todos os alunos prestarem atenção nela. No ambiente escolar, professor e o aluno precisam ter uma relação de reciprocidade dentro de sala de aula, é necessário que cada um respeite o momento do outro.

A professora solicitava que os alunos fizessem fila perto de sua mesa para ela corrigir as atividades que os iam terminando de realizar, mas a professora não deixava que os alunos conversassem neste momento. Entretanto as crianças muitas vezes ficavam rindo e comentando algumas coisas e a professora dizia que aquele não era momento de conversa e sim para pensar na atividade que fez. Era perceptível que as crianças queriam interagir neste momento, mas a professora os privava de dialogar, as crianças então ficavam fazendo gestos que não chamavam a atenção da docente. Segundo Leite e Tassoni (2012), no processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, afeta cada aluno de forma diferente. Os alunos se sentem motivados a aprender e participar das atividades quando o professor abre espaços de interatividade, pois possibilita aos educandos que tenham aprendizados por meio das vivências, não somente pela transmissão de conteúdos. Logo o professor precisa estar ciente de que é necessário utilizar dentro de sala de aula variadas dinâmicas e atividades.

Algumas das práticas pedagógicas que foram observadas na aula da professora Ana serão datadas e descritas a seguir, e serão articuladas com a fundamentação teórica. De acordo com os momentos de observação e o pensamento de Martins (1997, p.120). Pode-se concluir que na sala de aula temos papéis bem definidos, entretanto não são rígidos. O professor dialoga e ensina, como também aprende com seus alunos, uma vez que “o processo interativo escolar considera e valoriza o pensamento da criança, não somente do professor”.

No dia 18 de setembro, a professora disponibilizou massa de modelar para as crianças brincarem, conversando com a turma que cada aluno tinha a sua e não era para ser compartilhado, pois recados já tinham sido encaminhados na agenda para os responsáveis das crianças encaminharem a “massinha” junto com o material escolar. Sabemos que o professor tem diversas maneiras de relacionar-se com seus alunos, e neste momento percebemos que a atitude da professora Ana promovia a individualidade dos alunos e que as relações eram estreitadas. Este acontecimento, demonstra que, diferente do que propõe Martins (1997), a relação professor-aluno estava sendo monótona ou até mesmo de sobreposição, pois a professora não estabelecia relações que proporcionavam a interatividade, nem entre ela e os educandos, nem entre eles.

Foi observado, no dia 23 de setembro, que os alunos foram organizados em grupos de quatro componentes, para inventar uma história. A professora começou uma conversa com os educandos, fazendo questionamentos e eles respondiam sobre os detalhes de como seria a história, depois das orientações ela pediu que eles se planejassem e comesçassem a escrita no caderno.

A professora comentou, em conversa informal, que utiliza a situação descrita acima para ensiná-los a trabalhar em grupo e ajudar os alunos que têm mais dificuldade. Por meio de atividades em grupo, foi possível notar que os alunos se interessavam e participavam mais das atividades propostas. “Quando motivados, nossos alunos entram no ‘canal-interativo’, envolvem-se nas discussões, sentem-se estimulados e querem participar.” (MARTINS, 1997, p.121). A educação tem uma dinâmica entre os interlocutores e os alunos, quando fazem atividades em grupo, trocam informações. Sendo assim, eles compartilham conhecimento nesse espaço de relação dialógica e essa relação possibilita os processos de significação e, posteriormente, o aprendizado dos alunos. Nota-se que em ambientes escolares interativos, onde todos participam das relações sociais, os alunos são mais interessados e participativos.

Na aula do dia 7 de outubro, uma aluna chegou à escola com um livro de contos infantis e o entregou a professora, que escolheu uma história para compartilhar com a turma, após o recreio. Podemos considerar que em ambientes escolares interativos, como expressa Martins (1997), onde todos participam das relações sociais e contribuem com conhecimentos, os educandos são mais interessados e participativos. Desta forma, entendemos que a professora, aceitando o livro que a

aluna levou para sala, promoveu um espaço de participação e demonstrou que os alunos são integrantes do processo de ensino-aprendizagem e que a aprendizagem não é restrita somente ao conhecimento do professor.

“É muito difícil definir os limites do conceito ‘relação professor-aluno’. Eles se intrincam na prática do processo pedagógico com o conteúdo de ensino e com a metodologia adotada.” (CUNHA, 2004, p. 157). O professor necessita compreender que seu conhecimento não é o único dentro de sala de aula, as crianças têm conhecimentos e querem ser inseridas como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, levam para a sala de aula seu contexto, suas narrativas, suas ideias e o professor pode utilizar esses discursos para a construção de conhecimentos educativos, pois na escola as crianças não aprendem somente umas com as outras, os alunos constroem seus conhecimentos por meio dos ensinamentos de seus professores. O aprender é uma atividade compartilhada.

No dia 8 de outubro a docente Ana tirou fotos das crianças no pátio da escola, entretanto não lhes comunicou para o que era. No dia seguinte, a recepção na escola foi diferenciada: a professora recepcionou os alunos no pátio e não na sala de aula, mostrando o novo mural externo que fez utilizando a fotografia do dia anterior, intitulado “As estrelas que brilham na terra”.

As interações em sala de aula são constituídas por um conjunto complexo de variadas formas de atuação que se estabelecem entre as partes envolvidas – professores e alunos. Uma maneira de agir está intimamente relacionada à atuação anterior e determina, sobremaneira, o comportamento seguinte. (LEITE e TASSONI, 2012, p. 11).

A interatividade é variável, pois se altera conforme a relação com os outros indivíduos. À medida que a professora escolhe atividades diferenciadas, sua influência sobre os estudantes é alterada. Com o intuito de ter uma melhor comunicação com os seus alunos, pode-se notar que a docente preparou a recepção de forma diferenciada proporcionando uma interação fora da sala de aula entre ela e os educandos e entre eles. Segundo Taille (1992) o homem é um “ser essencialmente social”, sendo assim o ato de ensinar necessita que o professor tenha este lado social e construa relações com seus alunos e os faça sujeitos participantes.

Nesse dia, o lugar onde os alunos sentavam foi reorganizado, pois a professora queria diminuir os pontos de conversas paralelas na sala, uma vez que as

crianças estavam conversando muito sobre o cotidiano familiar, sobre as brincadeiras do recreio e outros assuntos que estavam atrapalhando o rendimento escolar. Essa afirmativa da professora foi baseada nas atitudes das crianças que estavam deixando de realizar as tarefas em sala ou estavam fazendo sem atenção para haver uma aprendizagem significativa. A mudança nos lugares ocorreu também por que uma aluna foi diagnosticada com dificuldades na visão, e antes de fazer o reagrupamento, a professora explicou aos alunos que a mudança foi feita por alguns colegas da sala precisarem sentar-se mais perto da lousa e necessitarem da ajuda dela para executar as atividades. De acordo com a abordagem vygotskyana, a educação precisa levar em conta as características e experiências de vida dos sujeitos (MARQUES, 2005). Nesse momento, a professora respeitando e considerando as diferenças educacionais dos seus educandos, demonstrou sua preocupação para que todos aprendessem, por isso trocou a aluna de lugar.

Na semana de comemoração do dia das crianças, a escola ofereceu uma série de atividades lúdicas no pátio. Na sala de aula, foi servido um lanche da escola com cachorro quente e refrigerante. As crianças assistiram ao filme “Bob Esponja: Um herói fora d’água”. Na hora que o filme acabou a professora começou a cantar: -“*Bob Esponja calça quadrada!*” (Professora Ana). Os alunos repetiram e começaram a dançar e cantar a melodia junto com a regente. Após este momento de descontração, a professora fez perguntas sobre o filme para analisar o que as crianças tinham aprendido. “Na teoria psicogenética de Wallon, a construção do Eu depende essencialmente do Outro.” (CALIL, 2007, p.302). Foi observado que os alunos identificaram a intencionalidade da professora ao cantar e eles reproduziram as atitudes dela, tendo um momento de interação onde todos participaram e se divertiram.

Como a professora tinha o costume de ler histórias para as crianças após o recreio, no dia 13 de outubro, a história foi da Fazendinha. A professora pediu que os alunos fizessem os sons dos animais enquanto ela lia, e depois sons de outros animais que não estavam no conto. As crianças brincaram uns com os outros, imitando os sons dos animais. Entendemos, a partir de Ferreira (2002), que os alunos têm conhecimentos prévios e o professor pode utilizar esses saberes “oriundos do senso comum e transformar em conhecimentos científicos”, neste caso, a professora pediu para as crianças imitarem os sons que elas conheciam e contextualizou com a

história. É nisto que o trabalho pedagógico se constitui: no fato do professor conseguir articular a teoria com a prática.

Incentivar a participação das crianças utilizando a imaginação aumenta as possibilidades de aprendizagens, pois “a criatividade no ambiente escolar não é apenas importante para a aprendizagem e desenvolvimento dos educandos, mas para o bem-estar emocional e desenvolvimento do professor.” (TACCA, 2006, p.?). Foi perceptível, no momento em que as crianças imitaram os sons dos animais e em momentos de desenho, que a criatividade em sala de aula proporciona momentos de inovação nos quais os talentos podem ser manifestados.

no dia 21 de outubro, para a aula ser mais dinâmica, a professora levou panfletos de supermercado para trabalhar o sistema monetário com os educandos. Eles tinham que recortar, colar e resolver as questões no caderno. A professora ensinou a calcular com a vírgula, explicando que ela sempre fica no mesmo lugar. A professora orientou os alunos a trabalharem em duplas e trocarem os panfletos, caso necessário, para coletar as informações. A professora passou nas carteiras para auxiliar nas dúvidas. Foi um momento interativo, pois nas relações de Eu e Tu foram construídos conhecimentos que auxiliaram no desenvolvimento das crianças. Todos os fatores do desenvolvimento são decorrentes da interação e é por meio desta que o indivíduo se constitui (CALIL, 2007). Era perceptível que a professora estava rouca e me relatou que este tipo de aula é difícil e desgastante, mas é necessária, pois os alunos podem ver na prática o valor e o produto e não somente ter números. “O ensino não se baseia apenas na ação de enunciar aquilo que se sabe. O ensino deve se basear em uma relação psicopedagógica, uma relação que ativa o processo de aprendizagem no aluno” (COLODEL, 2010). Dessa forma, ensinar significa mais do que transmitir conteúdos, e o grande desafio dos professores é encontrar práticas pedagógicas que favoreçam a participação dos alunos e que facilitem a apropriação dos conteúdos. Ao escolher novos métodos de ensino o professor precisa analisar se eles terão impacto na aprendizagem e no desenvolvimento dos alunos e foi isso que a professora fez, ela analisou as situações e percebeu que o tipo de estratégia utilizada conseguia fazer com que os alunos interagissem e entendessem o conteúdo.

Após as observações na sala da professora Ana, pode-se dizer que a interação que ela tinha com os alunos demonstrava certa autoridade com as crianças e as interações entre elas eram restringidas pela professora. Ela evitava dialogar com os educandos sobre as práticas pedagógicas utilizadas, pois a atenção da aula era

voltada somente para ela. Não houve muitas condutas da professora que favorecessem a participação e a comunicação dos educandos.

Foi possível notar ainda que os alunos eram conduzidos a trabalhar individualmente nas atividades do livro, na correção de tarefas, na utilização de materiais concretos e nos momentos lúdicos. A competição estava presente em diversos momentos como no jogo proposto e nas atividades de matemática. A docente influenciava os educandos a competirem para acertar mais questões ou até mesmo para eles terminarem as atividades rapidamente, sendo assim pode-se afirmar que as ações da professora orientavam os alunos a terem uma postura individualista.

2.1.2 Observação na turma da professora Beatriz

Será descrita a observação participativa na sala da segunda professora, Beatriz, no primeiro semestre de 2016. A análise será das atividades propostas pela professora em diálogo e com a participação das crianças. Sendo assim, foi notado que diferente da primeira professora, ela não tinha a prática de ficar reagrupando as carteiras e mudando os alunos de lugar, fez pequenas mudanças na sala de aula quando precisou reagrupar alguns alunos, ou quando percebia que as crianças estavam conversando sobre assuntos que não eram relacionados á aula, entretanto ela comentou que no início do ano letivo organizou as crianças nas carteiras se atentando para as crianças que têm dificuldade na visão, na fala ou de atenção, as quais precisam ficar mais perto de sua mesa e mais perto do quadro.

No começo da aula, Beatriz pedia que os alunos lembrassem da rotina² do dia e escrevia junto com as crianças no quadro as materias e atividades proposta de acordo com o dia da semana. Este era um momento flexível, pois a professora, em diálogo com os alunos, deixava com que eles conversassem entre si e construíssem com ela a rotina. No final da aula, ela solicitava aos alunos que guardassem os materiais, fizessem a fila para preparar a roda³. Beatriz e os alunos cantavam as músicas das tabuadas antes do recreio ou após a história da roda. No ambiente escolar os educadores precisam se planejar e refletir sobre suas práticas pedagógicas

² Rotina – Momento que a professora dialogava com os alunos sobre a sequência de atividades que realizaria no dia.

³ Roda – Momento em que os educandos ficavam em círculo, no fundo da sala para a contação de histórias ou partilha de vivências.

e como afetaram no aprendizado dos educandos. John Dewey (1933), citado em Oliveira (2002), defendia o pensamento reflexivo do planejamento e da ação. “Os professores que reflectem em acção e sobre a acção estão envolvidos num processo investigativo, não só tentando compreender-se a si próprios melhor como professores, mas também procurando melhorar o seu ensino. ” (OLIVEIRA, 2002, p. 34). A professora tinha suas práticas diárias e fazia alterações quando necessário, os alunos pareciam entender sua conduta em executar as atividades e sempre participavam dos momentos coletivos.

A professora Beatriz, encontrava momentos durante a aula para que fosse feito o acompanhamento individual com os alunos que tinham mais dificuldade em compreender o conteúdo. Ela utilizava material concreto para facilitar o entendimento do aluno, como: material dourado, alfabeto móvel, tampinha de garrafa, entre outros. A professora utilizava-se de práticas pedagógicas que facilitassem a compreensão das atividades e como deveriam ser realizadas, para isso ela explicava de forma geral para a turma, e se houvesse dúvidas ela ia até o aluno para demonstrar como fazer. Na sala de aula havia 23 alunos, cada um com sua singularidade, e a professora precisa utilizar diversas metodologias de ensino ao mesmo momento para alcançar e significar a aprendizagem de todos os educandos. O atendimento individual proporcionava à professora conhecer melhor o entendimento do aluno. “O professor tem que ser participante no processo, proporcionando o aprender do educando, essa participação ocorre desde a elaboração até as práticas pedagógicas em sala de aula. ” (MARQUES, 2005, p.?). Sendo assim, a professora refletindo seu planejamento e suas práticas propõe atividades aos alunos que facilitam sua participação em sala de aula e a compreensão dos conteúdos.

As estratégias pedagógicas diferenciadas auxiliavam a professora a conhecer os entendimentos dos alunos para poder aprofundar os conhecimentos. Beatriz gostava de levar para a sala de aula vídeos animados que falavam de sentimentos para as crianças assistirem e refletirem sobre o tema. A professora conversava com os educandos, e perguntava o que eles tinham entendido do vídeo e como poderiam colocar em prática em sala de aula para promover uma melhor convivência entre eles.

Nos dias de hoje, há grande preocupação com o efeito que as relações afetivas entre o professor e o aluno causam no processo de ensino-aprendizagem. Têm-se dado ênfase às interações sociais, visto que a escola também é um espaço social, e destaca-se o papel determinante

do outro da construção do desenvolvimento do indivíduo. (COLODEL, 2010)

Educação é um processo de ensino–aprendizagem que envolve principalmente professores e alunos. Dentro da sala de aula observada pode-se notar que a professora tentava entender o desenvolvimento dos alunos, e alterava seu planejamento conforme necessário para o melhor aprendizado deles. A professora considerava ainda o lado afetivo das crianças, entendia-os como sujeitos com defeitos e qualidades que eram demonstrados nas interações, que é algo que se encontra presente dentro das salas de aula, visível por meio das relações sociais.

No final da aula, no momento da roda, a professora tinha o costume de ler histórias para as crianças. Durante a observação, ela estava utilizando o livro do autor Monteiro Lobato, Memórias da Emília, que é uma construção de vários contos. A professora, levando histórias aos alunos, diversifica o modo de apresentar textos, e leva cultura para dentro de sala de aula. Os alunos tinham oportunidade de fazer a leitura e às vezes a professora utilizava este momento para escutar os educandos sobre assuntos que ela levava para serem trabalhados. Segundo as ideias de Vygotsky (1991), a construção do conhecimento ocorre por meio do espaço relacional e com o meio social, sendo que o sujeito, alunos e professores, não são somente ativos ou passivos dentro de sala de aula, eles são interativos, ou seja, é um processo recíproco.

Podemos considerar ainda duas falas de Paulo Freire (2016) sobre a temática: “Educador e educandos, ambos são sujeitos do ato”, e “não há ensinamento sem aprendizagem, ou professor sem aluno, os dois conceitos se associam” (FREIRE, 1996). A professora Beatriz dialogava bastante com os alunos, fazendo com que eles tivessem participação ativa na sala de aula. Ela, como professora, em suas práticas pedagógicas abria espaço para os educandos serem sujeitos do processo de ensino-aprendizagem e expressarem suas ideias.

A professora gostava de corrigir as atividades com os alunos, ela escutava suas falas, formava uma resposta única e anotava no quadro para as crianças escreverem nos cadernos. “Ensinar e aprender são duas faces da mesma moeda. Só podemos ensinar aquilo que já aprendemos e, além disso, aprendemos ainda mais quando ensinamos.” (TIBA, 2006, p.4). A professora escutando as falas dos alunos pode perceber alguns pontos de vista que passaram despercebidos no momento do planejamento ou da explicação, isso ocorre também no momento da correção de

atividades quando as crianças trazem questionamentos que necessitam de uma reflexão do educador para responder. O ensino não pode ser representado como somente o professor sendo o sujeito ativo que ensina, e o aluno como o sujeito passivo que somente reproduz os saberes. No momento da correção, o aluno interagia com o professor demonstrando suas dúvidas, demonstrando como ele elaborou sua solução da questão e as relações que ele fazia, a professora entendia os pensamentos das crianças e construía uma resposta, muitas vezes ela recorria a exemplos para melhor entendimento.

Normalmente no começo da aula, após a construção da rotina com os alunos a professora corrigia as atividades que foram de tarefa de casa, foi possível notar que neste momento, a professora dialogava com os educandos, escutando suas respostas e construindo em conjunto uma resposta “certa”. Os educandos tinham autonomia dentro de sala de aula para expressar seus pensamentos, e não havia medo de errar, pois para a professora o erro era visto como uma tentativa de produção de conhecimento, a professora tentava entender os processos percorridos pelos alunos, explicava seus equívocos e apoiava suas tentativas. No processo dialógico os sujeitos são permitidos a expressarem seus pensamentos, mas precisam escutar o outro, para que o conhecimento seja construído em conjunto. A professora Beatriz pedia aos alunos que tinham terminado de copiar do quadro, que emprestassem aos colegas que ficaram atrasados seus cadernos para que terminassem a cópia em casa.

A professora deixava as crianças fazerem piquenique na sala de aula no momento do lanche. A professora conversava com eles para que todos fizessem uma roda única, para não haver esses grupinhos, pois eles são uma turma. A professora necessitava encontrar meios dialógicos que se adequavam para cada situação dentro e fora de sala de aula.

A seguir práticas pedagógicas da docente Beatriz serão descritas e datadas conforme observação do cotidiano observado no primeiro semestre de 2016 na turma com alunos de terceiro ano. A professora estava trabalhando de diversas formas em sala de aula o conteúdo do livro da Emília, os alunos confeccionaram pinturas e uma dança. No dia 6 de abril de 2016, a professora Beatriz interrompeu com as atividades do caderno para poder explicar como seria realizada a pintura de fundo no desenho da Emília que eles tinham feito alguns dias antes, os alunos trabalharam em grupos, sendo que a professora deixou eles decidirem em que grupo ficariam, ela auxiliou as crianças na utilização da tinta conversando e incentivando-os a pintarem de forma

uniforme para a pintura ficar bonita. Em conversa com a professora, ela comentou que era a primeira vez que eles utilizavam tinta na sala, no final aos alunos ajudaram a lavar os pinceis e guarda-los, a sala ficou praticamente sem tinta no chão.

No processo educativo, uma maneira dos alunos aprenderem é utilizando seu lado criativo, Vygotsky (2009), sob a apresentação de Smolka, manifesta que “imaginação e criação na infância tem um caráter didático”. Foi perceptível que o trabalho pedagógico inserindo alguns fundamentos como: pintura e dança, tem uma participação ativa das crianças. Em sala de aula é necessário que os alunos tenham “Liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se” (FREIRE, 2016, p. 76).

No dia 25 de maio, a professora Beatriz leu a música que a turma dançou na festa junina “Clima de rodeio” e treinou os passos com as crianças, para isto ela fez uma roda no final da sala onde as crianças observação a professora e seguiam suas orientações, quando uma criança não entendia como era para dançar, a professora pedia que aluno do lado auxiliasse, as crianças demonstraram gostar desse momento lúdico, pois foram bem participativos na atividade. Após esse momento “recreativo” a professora escreveu no quadro a letra da música e fez a leitura coletiva com as crianças. Entregou uma folha em branco para as crianças escreverem a música e quem terminasse podia fazer o desenho sobre a música. A professora pediu os desenhos de alguns alunos para apresentar a turma. Disse que eles desenharam bem, mas todos da turma sabem desenhar, entretendo alguns são melhores que os outros, pois praticam. Destacou ainda que cada um tem sua habilidade deu alguns exemplos de alunos da turma que sabem dançar, cantar, tocar instrumentos, foi possível verificar que a professora gosta de destacar os pontos positivos das crianças, mas fazendo com que todas se sintam capazes e tenta dar potencial a eles. A professora tentava em situações coletivas, como individual sempre abrir espaço para o diálogo com as crianças e em momentos como o citado ela tentava realçar os pontos positivos dos educandos fazendo com que eles se sentissem integrantes do processo de ensino-aprendizado. A relação professor e aluno, tem uma importância extrema no ambiente escolar e na aprendizagem; principalmente a comunicação entre eles, “através do diálogo o professor passa a conhecer melhor os alunos e vice-versa.” (FREIRE, 1996)

Dia 31 de maio a professora Beatriz entregou a letra da música “Clima de Rodeio” pediu que fosse feita a leitura silenciosa enquanto ela foi dando orientações sobre a festa junina. Após isso ela pediu para fazer a leitura coletiva por fileiras, dizendo que eles eram uma equipe e tinham que se ajudar e não julgar um membro

da equipe. Nenhuma fileira conseguiu na primeira tentativa terminar a leitura, alguns alunos não leram ou se atrasaram, então a professora deu alguns minutos para uma segunda leitura silenciosa e pediu para os alunos criarem uma forma para todos participarem, e insistiu na leitura coletiva até que todos conseguissem. “No processo de ensino-aprendizagem o professor não pode ser um simples transmissor do conhecimento, ele precisa ser um facilitador e mediador, para que seus alunos entendam e internalizem os conteúdos.” (FREIRE, 2016).

Dia 1 de junho, a professora Beatriz ouviu os alunos na leitura coletiva do livro de história sobre alguns povos, em algumas partes ela também leu para organizar o ritmo da leitura. Depois ela dividiu turma em dois grupos, cada grupo leu uma página. Para finalizar a professora pediu que os alunos lessem devagar para que todos conseguissem ler juntos e acompanhar a leitura.

“O comportamento do professor com cada aluno em particular e com sua turma, em geral, define, muitas vezes, o comportamento dos alunos e a sua capacidade de efetivação da aprendizagem, da construção do seu próprio conhecimento através da orientação do professor.” (COLODEL, 2010)

O modo que a professora propôs diversas atividades de leitura, tanto individual como coletiva nos leva a perceber que ela foi dialógica com os alunos e fez mediações que auxiliaram na participação e entendimento de todos educandos.

Ao terminar as atividades propostas a professora deixava as crianças utilizarem jogos e brincadeiras, principalmente matemáticas no fundo da sala. Segundo Vigotski (2009, p. 99-110) “A brincadeira é a escola da vida para a criança; educa-a espiritualmente e fisicamente. Seu significado é enorme para a formação do caráter e da visão de mundo do futuro homem.” Pode-se considerar então que os jogos são recursos que auxiliam aos educandos a formarem novas construções no momento da aprendizagem por meio de como o educador utiliza o lúdico no ambiente escolar. “O potencial educativo dos jogos e brinquedos deriva da mediação do adulto.” (PIMENTEL, 2007, p.238). Os jogos utilizados tinham a finalidade de ensinar principalmente a matemática aos educandos, a professora teve uma preparação para aplicá-los em sala de aula, não os utilizando somente como passa tempo.

Finalizando as observações na sala da professora Beatriz, foi percebido que ela dialogava com os educandos, orientando que eles interagirem e tivessem

atuações mais colaborativas uns com os outros na realização de tarefas e momentos lúdicos, a interação entre professora –aluno e aluno- aluno foi evidente nesta turma.

2.2 Estudo empírico: algumas reflexões das práticas pedagógicas e relações sociais entre professor -aluno

Neste tópico será apontada algumas das diferenças e semelhanças das práticas pedagógicas das duas professoras observadas. Foi levado em conta que “No processo de constituição de sua pessoa, também se constitui o seu papel de professor, e esse processo está sempre em movimento, sempre em alteração, na interação com o Outro.” (CALIL, 2007, p.303). O professor como sujeito do processo de ensino aprendizagem também tem modificações no seu “Eu”, pois ele tem contato com diversos alunos que proporcionam a ele a procurar e diversificar suas metodologias que são necessárias para trabalhar com o seu grupo de alunos, Calil (2007, p.301) ainda nos diz: “O processo de desenvolvimento caracteriza-se por um movimento contínuo, isto é, de transformações constantes ao longo da vida.”, ou seja, o professor em todos os períodos que estiver inserido em uma sala de aula terá mudanças em sua conduta, uma vez que terá novos alunos para interagir.

Para além de uma análise somente comparativa entre as duas professoras, foi observado as relações do processo interativo com os educandos, pois “A interatividade deve ser vista como eixo fundamental em uma situação educativa.” (PIMENTEL, 2007, p.226). Com base em conhecimentos prévios e nas observações descritas podemos afirmar que o indivíduo que cresce num ambiente social e interage com outras pessoas utiliza dos conhecimentos dos outros para se desenvolverem. Professores e alunos ao interagir, entendendo e internalizando a fala do outro conseguem se apropriar conhecimentos e tem aprendizagens.

As professoras traçaram estratégias pedagógicas diferenciadas objetivando uma melhor intervenção pedagógica, uma vez que os alunos estavam em diferentes níveis de aprendizado e alguns tinham dificuldades de aprendizado. As práticas pedagógicas podem ser compreendidas como métodos e técnicas que auxiliam o ensinamento de conhecimentos, são recursos utilizados pelos docentes para a interatividade em sala de aula, sendo assim, a qualidade dessas práticas são medidas pela participação dos educandos. As professoras tinham a formação para educar e

entendiam os métodos e princípios de educacionais, cada uma de sua maneira trabalhavam e acompanhavam a aprendizagem dos educandos.

Um contraste possível de se observar nas práticas pedagógicas das duas professoras foi o tipo de recursos utilizados. A professora Ana utilizava como material de suporte o livro de didático e algumas vezes deixavam as crianças utilizarem folha branca para poder desenhar, já a professora Beatriz utilizou diversos elementos na sala para além do livro, como: jogos matemáticos, matérias concretos, folhas brancas e coloridas, tinta entre outros, e foi possível observar que as crianças quando tem acesso a esses materiais utilizam mais a criatividade e são mais interativas em sala. Segundo Pimentel (2007), o professor criando situações e diversificando materiais pode ajustar seu planejamento para uma maior participação das crianças.

O erro era visto como forma de aprender pelas duas professoras, de formas diferentes, demonstravam aos alunos que todos erram, e com os erros podem retirar os ensinamentos, as professoras brincavam com as situações para não deixar os alunos inibidos. “A relação professor-aluno é uma condição do processo de aprendizagem, pois essa relação dinamiza e dá sentido ao processo educativo.” (MULLER, 2002, p. 276).

Ambas professoras gostavam de utilizar o método da leitura coletiva para que os alunos participassem da aula e ainda podiam verificar como os alunos estavam lendo. Esta metodologia proporciona aos alunos a interação, uma vez que para acompanhar o ritmo do outro precisam estar em sintonia. A leitura na escola, expande o vocabulário dos alunos, traz conhecimentos tanto científicos como culturais, proporciona as crianças a escreverem melhor e por ser coletiva as crianças trabalham um exercício mental e a concentração. Segundo Ferreira (2002) a leitura e a escrita são fatores que possibilitam o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos e os insere socialmente na sociedade letrada, aponta ainda que o ensinar a leitura é um desafio da escola, permitindo o acesso aos saberes.

Quando a professora Ana chamava a atenção de um aluno a turma perdia foco da atividade que estavam fazendo e prestavam atenção na professora e no colega de classe. A professora Beatriz preferia conversar com os alunos em particular para não expor as crianças. Colodel (2010) expressa a preocupação de como a relação professor-aluno é um fator determinante para o ensino-aprendizagem, a autora traz reflexões sobre as atitudes e comportamentos dos professores para com seus alunos e as ações dos educandos posteriormente a interatividade com os

educadores. O Guia prático para Educadores (BARROS, 2014) destaca que o professor ao tentar resolver problemáticas na sala de aula necessita ser consciente da sua fala, escolher o momento correto e como o aluno vai entender seu posicionamento.

Foi observado nas práticas e nas falas das professoras como elas influenciavam na atitude dos alunos para serem mais cooperativos ou competitivos no ambiente escolar. Para Lovisolo (2013) é necessário haver um equilíbrio entre a cooperação e a competição, pode-se perceber durante as observações que a forma que o professor trabalha a competição ou a cooperação pode auxiliar os alunos para trabalharem em equipe, se superar pessoalmente ou ser mais competitivo. Brotto (1999, p.33) defende que: “Cooperação e Competição, são aspectos de um mesmo espectro, que não se opõe, mas se compõe.” Esses dois pontos necessitam de dois ou mais participantes, logo é necessário que haja uma relação social entre os envolvidos, seja para a competitividade ou para a cooperatividade.

No cotidiano escolar observado a cooperação e competição ficaram evidentes nos momentos lúdicos e na utilização de jogos, onde as professoras tentavam inserir todos os educandos a participarem das atividades com posturas que favoreciam os a cooperar ou competir. A professora Ana preferia que os alunos trabalhassem individualmente, está postura proporcionava competição entre os alunos, em contrapartida a professora Beatriz sugestionava que os alunos cooperassem e trabalhassem em duplas ou pequenos grupos para a realização das atividades.

Durante a observação participativa feita em 2016 na classe de terceiro ano, com os alunos na turma da professora Beatriz, foi possível notar que os alunos se lembravam da professora do ano anterior, Ana, e até comentavam as diferenças com a docente desse ano, isto é possível notar em CUNHA (2004, p. 157) que nos diz: “A relação professor- aluno é fundamental, capaz de deixar marcas no indivíduo por muito tempo”, ou seja, os professores e suas práticas pedagógicas podem influenciar os educandos a curto ou longo prazo.

No sentido de que o ambiente escolar professor e aluno são sujeitos do processo de aprendizagem, podemos considerar:

Atualmente o professor não é a única fonte de aprendizagem. Sua nova tarefa é orientar o estudante na busca e no processamento das informações desejadas para, assim, atingir objetivos, deixando ele de ser a “única verdade” que o aluno deve ouvir. Este, por sua vez, não é

mais um mero repetidor do que o professor diz. Ou seja, o professor deixou de ser o responsável único e exclusivo de informações, porque os alunos estão conectados a televisão, canais a cabo, internet, multimídia recebendo conhecimentos. (TIBA, 2006, p.18)

Uma relação necessária e importante no campo educativo é a do educador com o educando e vice-versa, pois se há esse relacionamento o aprendizado se torna mais eficiente e existe um engajamento e entendimento do posicionamento de ambas partes. O ensino em parceria do professor e do aluno são permeados por uma relação horizontal e democrática. É necessário estar atento que o professor não deve se preocupar somente com o aprendizado dos educandos por meio da absorção de informações, mas também pelos processos interativos e comunicativos em sala de aula.

2.3 Interatividade entre alunos

Neste trabalho, a interatividade foi entendida como relações sociais significantes no contexto da educação considerando professores e alunos participantes desse processo, e um dos aspectos observados foi a socialização das crianças dentro do ambiente escolar e como elas auxiliavam uma as outras nas atividades e constituíam um processo interativo.

Dentro de sala de aula, com crianças da mesma faixa etária eles começam a perceber as semelhanças e diferenças com seus colegas, exercitando suas formas de se expressar oralmente e fisicamente, com isso estabelecendo vínculos. Tomando como base que o professor não é o único detentor do conhecimento podemos perceber que nas interações sociais estabelecidas as crianças aprendem entre si, e no ambiente escolar os estudantes precisam ter esse espaço de comunicação e troca de informações.

Foi observado que a turma tem uma vida social, amizades, afinidades e antipatias que aconteciam juntamente com momentos de conflitos ou momentos de colaboração. As crianças participam de diversas interações dentro do ambiente escolar, os educandos constroem significações individuais e significativas, para isso é necessário que o docente abra espaços de participação deles.

Deixar o aluno falar implica usar estratégias nas quais os alunos possam discutir, negociar significados entre si, apresentar oralmente ao grande grupo o produto de suas atividades colaborativas, receber

e fazer críticas. O aluno tem que ser ativo, não passivo. Ela ou ele tem que aprender a interpretar, a negociar significados, tem que aprender a ser crítico e a aceitar a crítica. (MOREIRA, 2000, p.19)

Logo deve-se considerar a criança como sujeito produtor de conhecimento, não somente ouvinte. As práticas educativas devem proporcionar momentos coletivos, para que os alunos interajam e troquem informações com os colegas de classe.

O primeiro momento de observação conjunta, foi em setembro de 2015, a observação foi no pátio, onde houve o momento de acolhida, e todas as turmas do turno vespertino estavam juntas, as crianças por estarem perto acabavam conversando uma com as outras, as professoras se posicionavam nas laterais e quase não se manifestavam, a diretora que era a responsável pelo momento pedia a atenção e silêncio das crianças. A interatividade está presente em todos momentos do processo educativo, os adultos são os responsáveis pela mediação no processo educacional, entretanto as crianças têm uma convivência mais direta que possibilita a troca de experiências. Para garantir o anonimato e segurança dos sujeitos participantes todos os nomes citados são fictícios.

Na primeira fase de observação, na turma da professora Ana, um dos alunos tinha sido recentemente diagnosticado com hiperatividade, o educando tinha um comportamento diferenciado na sala, em alguns momentos ele fazia uma “brincadeira imaginária”, onde repetia movimentos circulares com a mão e ruídos com a boca. No começo da observação foi possível notar que os alunos reparavam nas atitudes do colega de sala e era difícil a concentração nas atividades, a professora intervia, solicitando que ele parasse e as outras crianças retomarem as tarefas, no final do ano letivo e no semestre seguinte, toda a classe já estava acostumada com as atitudes do educando, e não paravam suas atividades para observar o aluno, e com as intervenções das professoras explicando que a sala de aula não era para aquele tipo de atividade ele foi parando de fazer. Segundo Marques (2005, p.4) “Através da mediação a criança se apropria dos modos de comportamento e da cultura.” O modo como o docente explica os conteúdos, e media as relações e conflitos podem influenciar na maneira de agir dos educandos. Na sala de aula nos deparamos com uma diversidade de educandos, esses têm pensamentos e atitudes diferenciadas e muitas vezes eles se influenciam, o professor como mediador pode auxiliar nas relações e na maneira como as crianças interagem.

As crianças e jovens que frequentam a escola tem temperamentos diferentes, diversidade cultural e social, com foco muitas vezes na valorização individual, com essa distinção muitas vezes ocorrem conflitos, e na maioria das vezes as crianças no meio escolar necessitam da mediação do educador para resolver os desentendimentos.

“A simples convivência humana implica uma pluralidade de interesses, necessidades e vontades, significando uma potencialidade constante para os conflitos” (BARROS, 2014, p. 16), desta forma na escola os educadores precisam auxiliar os alunos a gerenciarem os pequenos conflitos para que as relações de convivência não sejam afetadas e auxiliam nos conflitos futuros caso existam. A interatividade ocorre na sala de aula naturalmente e quando acontecimentos inesperados ocorrem o professor precisa ser o mediador dessas relações permitindo a negociação e resolução dos problemas.

Sexta-feira, 16 de outubro, houve um acidente com um educando, um acontecimento inesperado para o ambiente escolar. Os alunos estavam todos animados para o banho de mangueira que a escola proporcionou para um momento de lazer, enquanto a professora estava seguindo com suas atitudes diárias de arrumar as cadeiras da sala os alunos estavam brincando e correndo, quando acidentalmente o aluno Jorge caiu e quebrou o braço. Automaticamente todos pararam e fomos prestar socorro a ele. A professora Ana, retirou o aluno da sala e o levou para a direção. Fiquei com os outros alunos na sala e tentei acalmar as crianças dizendo que tudo ficaria bem, que elas não precisariam se preocupar. Solicitei que os alunos sentassem no chão em círculo e me contassem como foi o dia das crianças delas, pois já era um tema que tinha sido trabalhado em sala. As crianças estavam assustadas e foi necessário solicitar silêncio algumas vezes e repetir que o Jorge ficaria bem.

Chegando à escola no dia 21 de outubro, encontrei os pais do Jorge e ele na sala de aula, fiquei preocupada, pois fazia menos de uma semana que ele tinha se machucado e passado por uma cirurgia que necessitou colocar pinos no braço e engessar. Todas as crianças da sala estavam em volta do aluno querendo saber como ele estava e como estava seu braço. Analisando os momentos que o aluno se machucou e a volta dele para sala foi possível perceber que os educandos têm interações por meio das relações sociais que muitas vezes são afetivas, demonstrando que se importam com os colegas de classe.

Paulo, era o aluno mais novo da turma, a professora Ana disse que ele teve problemas para interagir e era um ano mais novo que as outras crianças da classe, segunda ela, ele ainda não tinha maturidade para estar no segundo ano, deveria estar no primeiro, mas por vir com o histórico de uma instituição privada teve que ser matriculado no segundo ano, foi observado que o educando não gostava de brincar e interagir com as outras crianças e era perceptível sua timidez. Muitas vezes pela inexistência do comprovante curricular da escola primária dos educandos, eles são matriculados em séries diferentes as quais deveriam estar cursando, esta situação pode afetar no rendimento escolar do aluno caso ele não tenha os conhecimentos básicos para a série que irá cursar, tendo um comprometimento no desenvolvimento da criança.

No segundo momento de observação foi percebido na turma da professora Beatriz, que ela solicitava aos alunos para sanar as dúvidas mais importantes com ela em sua mesa, mas gostava de trabalhar com as crianças em duplas para que uma ajudassem umas às outras durante as atividades, foi notado que era incentivado a colaboração. As crianças gostavam de se ajudar nos momentos de exercícios de português e interpretação de texto, nos exercícios de matemática foi observado que do mesmo modo do ano anterior os educandos ainda disputavam para ver quem realizava as questões em menos tempo e quem acertava mais questões.

Aos alunos que terminavam as atividades eram liberados jogos para serem utilizados no fundo da sala em pequenos grupos, os jogos eram pedagógicos com finalidade de auxiliar no aprendizado da matemática, sendo que a maioria foram confeccionados pela professora Beatriz. Durante os momentos lúdicos as crianças tinham pequenos conflitos, entre eles era a decisão de quem começaria a jogar e as regras. Segundo Martins (1997, p.116) “É ao longo do processo interativo que as crianças aprendem como abordar e resolver problemas variados.” Nestas situações os educandos conseguem fazer negociações entre si por meio da comunicação e chegar a uma decisão e aprender com suas ações para quando estiverem em situações similares conseguiram resolver de uma forma melhor os impasses. Desta forma, ao conviver no ambiente escolar pautado em negociações, onde todos podem contribuir com os seus ideais os estudantes aprendem a tomar decisões.

O aluno Jorge tem diversas habilidades, uma delas é fazer mágica, a professora Beatriz aproveitando seus carismas, permitia em momentos lúdicos que os alunos ficassem no fundo da sala de aula para observar e aprender com o colega de

classe. Entretanto, no dia 8 de maio, o aluno Jorge deu um soco no olho do aluno Rafael no horário do recreio, na volta a sala o aluno machucado falou com a professora, ela solicitou que o Jorge pedisse desculpas e perguntou ao aluno se ele queria resolver a questão na sala e não ter mais aquele comportamento ou se ele queria resolver na direção. Os alunos se resolveram na sala e o aluno Jorge pediu desculpas, a professora então conversou com a classe sobre respeito.

A sala de aula é um local de interatividade do professor com alunos, e alunos com alunos, em algumas ocasiões surgem conflitos ou desentendimentos entre esses sujeitos, e para que sejam resolvidas essas questões é necessário diálogo e respeito ao próximo. O modo de agir do professor interfere nas atitudes dos alunos. Quando o professor tem atitudes e decisões baseadas no respeito e na comunicação com seus alunos, eles tendem a seguir suas posturas. O diálogo é necessário para mediar as relações sociais e no processo de ensino-aprendizagem, logo será a pauta do próximo capítulo, onde serão relatados algumas conversas entre professora e alunos.

3. Diálogo: Um elemento mediador das práticas pedagógicas

O diálogo necessita ser uma ação recíproca. No ambiente escolar é necessário haver comunicação entre direção, família, professores e educandos, entre esses últimos é imprescindível, pois há um contato diário durante o período letivo. Já que: “Não é possível pensar o processo de aprendizagem fora de uma relação entre pessoas, cujo eixo não seja o processo dialógico.” (TACCA, 2006, p.49). Como nota-se o diálogo é essencial para a existência humana, e é necessário estar atento as mensagens passadas pelos interlocutores. É imprescindível que a relação professor - aluno seja permeada pelo diálogo, e podemos considerar que no ambiente escolar o primeiro contato de comunicação é quando o professor faz as explicações dos conceitos educacionais e os estudantes tentam compreender e respondem com seus questionamentos e noções básicas. A presença do diálogo na escola é importante no processo de ensino- aprendizagem, pois promove o entendimento dos conteúdos passados pelos professores aos alunos e orienta o professor o nível de entendimento dos alunos, logo entendemos que a comunicação favorece o professor na ajuda dos educandos a se desenvolverem.

Segundo Freire (2002) a relação professor- aluno constitui-se de uma relação horizontal onde todos os sujeitos envolvidos possam falar e serem escutados. Nota-se ainda em Freire (2002, p. 58) que: “Ensinar exige saber escutar, somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele.” Deste modo, entendemos que interagindo com os outros sujeitos envolvidos nos processos pode-se construir conhecimentos e melhorar as relações pessoais, entendemos assim que o diálogo é a forma de proporcionar trocas de vivências e conhecimentos entre professores e alunos, isto é possível pela interatividade diária no ambiente escolar.

No ambiente escolar para cultivar um bom relacionamento com os alunos o professor precisa abrir espaços de diálogo na turma, pois o diálogo no espaço educativo proporciona o envolvimento de todos os sujeitos. “A proposição da educação como um ato dialógico por Paulo Freire e da linguagem como principal elemento mediador no processo educacional por Vygotsky, traz como ponto comum a centralidade do diálogo na ação pedagógica.” (MARQUES, 2005, p.4). O diálogo é o elemento mediador das práticas educativas, no ambiente escolar auxilia no desenvolvimento dos sujeitos envolvidos. A educação é uma questão complexa, pois abrange diversos eixos que relacionados colaboram para a construção do processo

de ensino e aprendizagem, na sala de aula o professor favorece a aquisição do saber por meio do diálogo, utilizando do conhecimento prévio dos alunos, questionando – os e proporcionando novos saberes. Sendo assim, a sala de aula precisa ser um espaço de dialocidade, para que ensinamentos e reflexões possam ser compartilhados. Dos momentos de observações foram notadas as seguintes situações envolvendo o diálogo:

No dia 23 de setembro, na aula de ciências da professora Ana, uma aluna perguntou:

- *Porque não fazemos ciência de verdade? Podíamos fazer massinha.*

A professora respondeu a aluna:

- *Algumas experiências eram brincadeira, que ficam no jardim de infância, agora é momento de prestar atenção e estudar.* (Professora Ana)

A resposta da professora não trouxe uma explicação para a criança, não foi demonstrado interesse na forma de participação da educanda, entretanto o diálogo proporciona a troca de informações e a postura do professor é decisiva neste processo, pois cabe ao professor ser o mediador das questões no ambiente escolar. O professor é capaz de acrescentar conhecimentos aos alunos, entretanto ele precisa estar atento aos questionamentos, incentivar a investigações e tentar conduzir os caminhos que os alunos percorrem para solucionar suas dúvidas.

No dia 31 de setembro a aula iniciou com uma conversa lembrando as regras de convivência que foram construídas coletivamente no começo do ano letivo. Naquela conversa, cada letra de A à Z representavam uma norma a que todos deveriam respeitar e seguir. Com base nisto é possível observar que se o professor dialoga com os seus educandos, ele busca uma melhor maneira para resolver as situações que ocorrem na sala de aula, desenvolvendo uma prática que beneficiam o professor e os estudantes. Sobre as normas segundo Borsa (2007, p.2) diz que:

Processos mentais de socialização que correspondem ao conhecimento de valores, normas, costumes, pessoas instituições, bem como aprendizagem da linguagem e aquisição de conhecimentos transmitidos através da escola.

As regras no ambiente escolar auxiliam na formação pessoal, logo o estabelecimento de regras neste espaço ajuda nas relações sociais, pois promovem uma melhor convivência e interatividade entre os sujeitos envolvidos.

Na segunda semana do mês de outubro, após o recreio, dois meninos, Felipe e o Gustavo, brigaram na porta da sala, pois no momento de formar a fila para entrar na sala de aula eles não conseguiram resolver o conflito de quem tinha chegado primeiro na fila. Gustavo bateu no Felipe, o qual ficou com o olho inchado e o primeiro sangrou o dedo, pois estava com uma tampinha de garrafa na mão, a professora teve que mediar a situação e encaminhou os dois alunos para a direção. O professor precisa dialogar com os educandos para procurar o entendimento eles e, a escola precisa contar com a participação da família para conseguir fazer um melhor acompanhamento escolar com as crianças. O diálogo é importante para todos esses sujeitos trocarem informações e conseguirem entender e resolver as problemáticas que surgem na convivência escolar.

No dia 13 de abril, foi realizada uma atividade, a qual os alunos recebiam fichas de matemática e tinham que resolver as questões no quadro, o aluno Paulo não queria participar, mas a professora o incentivou:

- *Vamos Paulo! Depois não diga que você não teve chance.*
- *Mas eu não consigo.* (Aluno Paulo)
- *Pelo menos tente, é sua chance.* (Professora Beatriz)

Com a motivação da professora o aluno realizou a atividade proposta. Os docentes precisam estimular e motivar os educandos a participarem mais ativamente das aulas para ter uma maior aprendizagem.

Na época do Dia das Mães, a escola fez uma apresentação com todas as turmas e ofereceu lembrancinhas para as crianças comprarem. A professora Beatriz conversou com os alunos e explicou que alguns deles não tinham dinheiro no momento para comprar o presente para às mães que a escola ofereceu, mas que podiam ter dinheiro depois e comprar outro presente, e que algumas mães não poderiam ir à escola para assisti-los cantar, mas o mais importante era o amor das mães para os filhos e vice-versa, que era para encher as mães de abraços, beijos, carinho e respeitar todos os dias, pois o dia das mães não é somente uma vez por ano. Na sala de aula o professor necessita além de colocar em ação suas práticas pedagógicas precisa conhecer e incentivar seus alunos, a melhor maneira de fazer isto é por meio do diálogo, uma vez que o diálogo é essencial para as relações sociais. “O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu (...). O diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens. ” (FREIRE, 2016, p.

109). O diálogo proporciona a mediação e a aproximação com os outros sujeitos. Assim, no ambiente escolar o professor é o principal responsável por passar os conhecimentos aos alunos, mas também fazer as mediações das situações norteando os educandos a questões sociais.

No dia 9 de maio de 2016, uma aluna foi na mesa da professora Beatriz reclamando que o aluno Jorge estava jogando tampinhas nos alunos, a professora o chamou e conversou com ele no canto da sala, para não expor o aluno. Considerando a importância da relação professor-aluno percebemos que quando o professor consegue trabalhar com as individualidades dos sujeitos ele tem uma maior aproximação com os educandos, consegue proporcionar o respeito mútuo e estimula a participação de todos na sala de aula.

No dia 10 de maio, uma aluna gritou com a professora enquanto ela passava o comando de uma atividade, no final da aula, foi distribuído um livro para cada estudante enquanto a professora arrumava sua mesa e tirava algumas dúvidas. A professora no final da aula falou sobre a temática de respeito com a turma, expondo que é essencial para uma boa vivência e que os alunos não podiam trata-la mal. Sobre a relação professor – aluno Muller nos diz:

A relação professor-aluno deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interno, isto é, fortalecer-lhe as bases morais e críticas, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser dado. (MULLER, 2002, p.276)

Foi possível notar nestes dois momentos que a professora reconheceu seu papel como educadora, identificou as problemáticas e escolheu condutas para proceder com os educandos de forma a não constrange-los, abrindo espaço para o diálogo com eles, foi levado em consideração pela professora a perspectiva emocional e afetivo das crianças, a mesma tentou ter atitudes que fossem compreendidas pelos estudantes.

No dia 17 de maio, após o recreio a professora fez a explicação do conteúdo de Geografia no quadro, e colocou a música “Pindorama”, da banda Palavra Cantada, que fala sobre o descobrimento do Brasil. Ela pediu que os alunos fizessem silêncio, e prestassem atenção, pois não era somente uma música qualquer, era conteúdo da aula que ela tinha procurado na internet, para poder lecionar uma aula mais lúdica aos alunos.

A dialogicidade começa, não quando o educador-educando se encontra com os educando-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Essa inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação. (FREIRE, 2016, p. 115-116).

A professora tinha o comprometimento de pesquisar meios diferenciados para levar para sala de aula conhecimento, neste caso ela utilizou a música. O professor possui um papel determinante no desenvolvimento e na constituição dos seus educandos. É fundamental que ele tenha como base que o processo educativo é essencialmente interativo e dialógico, e que seu papel não é somente ser transmissor de conhecimentos, mas um mediador. O educador necessita preparar suas práticas de modo que facilite o entendimento e a participação dos educandos em sala de aula. Quando fala-se de educação pensamos na relação ensino-aprendizagem, esta relação começa antes da prática educativa dentro da sala de aula, o professor necessita preparar a aula de maneira que atenda as singularidades dos educandos e facilite o entendimento. Foi possível notar que a professora Beatriz sempre conversa com os alunos e tentava ver quais práticas estavam sendo positivas na classe e quais não estavam, quando as técnicas eram negativas a professora alterava seu planejamento com o intuito de melhorar a relação ensino-aprendizagem.

No dia 24 de maio, a professora Beatriz disse aos alunos que iria tirar o recreio das crianças por conta do barulho em sala de aula, ela teve que aumentar o tom de voz para os alunos diminuíssem os pontos de conversas paralelas que não eram sobre a temática da aula. Relações baseadas no diálogo respeitam o espaço dos sujeitos envolvidos. Freire (2016, p. 228) nos diz: “O diálogo, que é sempre comunicação, funda a co-laboração.” O diálogo possibilita lidar com as situações de maneira mais dinâmica. Foi possível perceber que a professora Beatriz escuta cada criança, mas quando necessário traça estratégias para que os educandos prestem atenção nela.

Dia 25 de maio, a professora solicitou que dois alunos desenhassem no quadro animais que vivem na fazenda, e todos tinham que desenhar em seus cadernos, uma aluna disse a professora:

- *Professora eu não sei fazer um desenho tão bonito.* (Aluna Mariana)

A professora respondeu:

- *Cada um tem suas potencialidades, elas precisam ser trabalhadas para serem aperfeiçoadas. Uns sabem dançar, pintar, cantar, desenhar, tocar, mas somente conseguiram fazer após tentativas.* (Professora Beatriz)

O modo como a professora mediava as incertezas dos alunos em relação ao que eles diziam não conseguir fazer, demonstrava que ela era uma docente que tentava incentivar as crianças a se desenvolverem.

Dia 6 de junho, após o recreio vários alunos foram reclamar com a professora das atitudes do aluno Jorge, pois ele estava batendo, chutando e fazendo brincadeiras de mal gosto com as crianças. A professora chamou o aluno para conversar em particular no canto da sala. Segundo Muller (2002, p. 278): “O professor deve usar do diálogo, pois o diálogo pode ser uma fonte de riquezas e alegrias, é uma arte a ser cultivada e ensinada”. É necessário no ambiente escolar que os professores levem em consideração as particularidades de cada educando para poder se relacionar com sua turma de forma grupal e individual. Beatriz sempre dialogava com os educandos e utilizava práticas pedagógicas diferenciadas com o intuito de que todos os alunos conseguissem participar e aprender.

O diálogo é um fenômeno que está presente na sociedade, e é necessário para o desenvolvimento humano, por meio dele os sujeitos tem a capacidade de perguntar e responder o outro. Na educação, é a base para um bom rendimento escolar, pois é compartilhado conteúdos acadêmicos e vivências pessoais que auxiliam no desenvolvimento dos indivíduos. As observações feitas demonstram que as relações dialógicas entre professor e aluno na sala de aula são necessárias para o processo de ensino-aprendizagem e também proporcionam uma educação democrática, uma vez que todos os sujeitos contribuem.

Por meio do diálogo os educadores fazem mediações de diversas situações, no ambiente escolar foi observado alguns momentos lúdicos, onde houve competição ou cooperação entre os alunos, este será o tema do próximo capítulo.

4. Competição e cooperação no espaço escolar

A sociedade mostra-se cada vez mais competitiva, a escola como um elemento da sociedade tem alguns traços de competição, mas as mediações dos educadores podem auxiliar para que o ambiente escolar seja mais cooperativo. “No ideal vygotskiano, a educação tem um papel transformador do homem e da humanidade” (PIMENTEL, 2007, p.222).

Neste capítulo foram assinaladas as observações de momentos lúdicos como elemento pedagógico nas salas de aulas analisadas, onde foi destacado as momentos e atitudes de competição e cooperação dos educandos, pois esses são processos sociais e com valores humanos presentes em todos os aspectos da vida.

A atividade lúdica é um elemento educacional reconhecido como estratégia de ensino, contribui para uma exposição didática de conteúdos de maneira menos rígida e com dimensões que facilitam o entendimento dos educandos, e pode ser uma alternativa para resolver questões como a falta de cooperação, contribuindo para um ambiente menos competitivo. O lúdico traz possibilidades de incentivar o desenvolvimento humano, é importante que as crianças tenham espaços e atividades lúdicas na escola para possibilitar novas aprendizagens, o tempo também deve ser considerado, pois para os alunos entenderem os jogos, brincadeiras e atividades lúdicas precisam de um começo, do desenvolvimento e de um final. O lúdico é importante pois: “O exercício da ludicidade vai além do desenvolvimento real porque nela se instaura um campo de aprendizagem propício à formação de imagens, à conduta auto-regulada, à criação de soluções e avanços nos processos de significação. ” (PIMENTEL, 2007, p.227). As atividades lúdicas no ambiente escolar são práticas sociais, uma vez que auxiliam na formação do sujeito, favorecendo diversos fatores para o desenvolvimento pessoal e possibilitando a interação entre os sujeitos.

A cooperação e a competição somente podem existir quando há interação entre os indivíduos, na escola o professor é um dos principais sujeitos para promover as entre as crianças, pois os educadores são os facilitadores para despertar as potencialidades dos educandos. Na escola as práticas pedagógicas facilitam ou dificultam o desenvolvimento de comportamentos dos educandos, os educadores podem utilizar de atividades lúdicas orientadas para comportamentos individualistas (competitivos) ou comportamentos coletivos com condutas de cooperação.

Foram observados dois contextos, no primeiro as crianças eram habituadas ao individualismo e a competição, muitas vezes tinham a associação da perda como fraqueza ou incompetência e sempre queriam ser melhores que os colegas de classe. No segundo, a professora proporcionava um ambiente educativo onde as crianças tiveram um caráter mais cooperativo, pois faziam as atividades em conjunto e conseguiam fazer negociações. “ A competição constrói muros entre as pessoas, a cooperação constrói pontes. ” (Autor desconhecido), esta citação pode ser utilizada no ambiente escolar, pois notamos que pela cooperação os sujeitos se desenvolvem com a ajuda do outro e as relações sociais são potencializadas.

4.1 Competição na sala de aula

De acordo com o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, competição é: Disputa ou concorrência entre duas ou mais pessoas que buscam a vitória ou, simplesmente, superar quem os desafiam. Para Brotto (1999, p.35) competição “é um processo onde os objetivos são mutuamente exclusivos e as ações são benéficas somente para alguns. ” Podemos concluir então que competição é a disputa por um mesmo objetivo de forma individual ou grupal contra outros indivíduos.

Foram observados momentos com atividades pedagógicas com caráter competitivo nas turmas das duas professoras, Ana e Beatriz, sendo que a primeira trabalhava com os alunos mais o lado individual e com a segunda foi possível observar somente um momento de competição.

A professora Ana gostava de utilizar o jogo da batatinha quente com contas de matemática, que segundo ela, servia para observar como os alunos participavam e interagem. Era “sugerido” pela professora que houvesse um pouco de competição, os alunos queriam acertar as questões e ver quem era o melhor na brincadeira. No dia 31 de setembro foi proposto este jogo. A sala foi arrumada em retângulo e os alunos ficaram próximos, foi passado um pote de sorvete com contas de adição dentro, os alunos tinham que ler, anotar no quadro e resolver. Após a resolução dos problemas do jogo da batatinha quente, se as crianças acertavam era comemorado pulando e gritando e as outras crianças vaiavam. Foi orientado pela professora um torneio entre meninos e meninas havendo uma motivação para competir.

O foco da professora Ana era um ensino no qual os alunos fizessem as atividades de forma individual. Foi possível observar essas práticas no Jogo da

batatinha quente citado anteriormente, e na correção de exercícios, quando a professora observava as crianças que acertavam mais questões e as parabenizava. Nessas situações foi observado que as crianças adotavam um relacionamento competitivo.

O único momento percebido que houve competição na aula da professora Beatriz foi no dia 6 de junho, no qual a docente dividiu a turma em três grandes grupos, os integrantes dos grupos escolheram o nome das equipes, foram escolhidos pelos alunos: Grupo “Estrelas”, grupo “Guerra Civil” e grupo “Velozes e Furiosos”. Os educandos se reuniram com os colegas, e a professora chamando um aluno por vez e perguntando questões sobre o relógio, quando os alunos tinham dúvida podiam perguntar no grupo que estava participando. A professora disse aos educandos que essa atividade lúdica era uma revisão para a prova, pois iria ter uma questão que os educandos teriam que olhar a figura do relógio, identificar os ponteiros e escrever as horas. Segundo conversa com a docente, foi uma competição “saudável” entre os três grupos, pois houve competição entre os grupos, mas houve cooperação entre os integrantes de cada grupo, pois eles conversaram para chegar ao resultado.

4.2 Cooperação no espaço educativo

No senso comum cooperação é entendida como: a interação em colaboração um com o outro para realização de uma tarefa conjunta. Segundo o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, cooperação é: Ação de cooperar, de auxiliar e colaborar, prestando ajuda ou auxílio, e outras definições. Nas observações foram destacados momentos de cooperação entre os alunos, motivados ou não pelas professoras, como os que serão descritos a seguir.

Na sala da professora Ana foi observado a cooperação somente no momentos que a professora não estava relacionada, ou seja, os alunos cooperavam fora do momento de aula. Em contraponto, na sala da professora Beatriz foram constatadas diversas formas de cooperação: a disposição das mesas da sala para os alunos trabalharem em duplas, atividades dos livros e do caderno, momento do lanche, momentos lúdicos, jogos e em momentos de leitura coletiva a professora pedia que os alunos lessem em voz alta, e que um ajudasse o outro nas dificuldades para entender algumas palavras.

A professora Beatriz gostava de utilizar jogos, principalmente matemáticos entre as atividades ou no final da aula, e quando acabava os jogos a professora pedia para as meninas baterem palmas para os meninos e vice-versa, segundo a professora “servia para incentiva-los”. O jogo no ambiente escolar, pois:

O jogo gera zonas de desenvolvimento proximal porque instiga a criança, cada vez mais, a ser capaz de controlar seu comportamento, experimentar habilidades ainda não consolidadas no seu repertório, criar modos de operar mentalmente e de agir no mundo que desafiam o conhecimento já internalizado, impulsionando o desenvolvimento de funções embrionárias de pensamento. (PIMENTEL, 2007, p.226)

Desta forma, compreende-se que o conhecimento científico e a brincadeira são necessários ao desenvolvimento da criança. O jogo e o lúdico são recursos de ensino que facilitam o aprendizado, são atividades físicas e mentais que integram várias dimensões do desenvolvimento humano (afetiva, cognitiva e psicomotora) permitindo a interação entre os estudantes e as crianças aprendem de forma diferenciada do tradicional, que é a transmissão de conteúdos pelo professor.

Pode-se considerar que no ambiente escolar é necessário a alternância entre colaboração e competição para promover o aprendizado. Muitos educadores não gostam de utilizar a competição no ambiente escolar, entretanto ela pode ser utilizada para ensinar aos alunos a respeitar seus adversários e saber ter condutas justas quando estiverem em situações competitivas. Os ensinamentos de cada uma dessas modalidades trazem novos elementos para o desenvolvimento dos educandos, pois os estimula a alcançar os resultados tanto individualmente como também em grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação é um fenômeno complexo, e para entendê-la é necessário observar as particularidades que a constituem. Neste trabalho final de curso foi analisado o ambiente escolar com o foco na relação professor-aluno, sendo que

considerando que ambos são sujeitos imprescindíveis para a interatividade e convivência na sala de aula. O objetivo central foi analisar a influência da interatividade e práticas docentes nas atitudes/aprendizados dos educandos dos anos iniciais. Durante a pesquisa, para tentar responder aos objetivos específicos, foram notados aspectos como: interação entre professor e educandos, práticas pedagógicas desenvolvidas pelas professoras, comportamento de alunos, momentos de cooperação e competição.

A escola é um espaço social de vivências e aprendizados entre diferentes sujeitos, sendo assim o ambiente escolar assimila as mudanças dos contextos sociais levados e refletidos pelos sujeitos. Assim, a escola torna-se um espaço rico em troca de conhecimentos por meio das interações. Podemos considerar que o processo de aprendizagem se inicia antes do aluno entrar na escola, em casa ele já tem relações sociais com outros sujeitos e tem aprendizados. A aprendizagem escolar introduz elementos novos no seu desenvolvimento.

As considerações finais deste trabalho monográfico somente foram possíveis a partir de observações feitas do acompanhamento de duas professoras, Ana e Beatriz, docentes do ensino fundamental dos anos iniciais, na rede pública de ensino do Distrito Federal. Os educandos eram do segundo ano em 2015 e do terceiro ano em 2016. Como pesquisadora, foi necessário tentar entender e analisar os acontecimentos dentro de sala de aula. A observação na escola proporcionou o reconhecimento da importância do trabalho pedagógico por meio das práticas significativas das professoras, que têm um comprometimento com os alunos, respeitando suas especificidades, possibilitando ainda observar a socialização entre os educandos. A participação na escola proporcionou o reconhecimento da importância do trabalho pedagógico por meio das práticas significativas das professoras observadas, que demonstraram diferentes formas de interagir com eles e estimular a interação entre eles.

Foi notado que, no processo de ensino-aprendizagem, os docentes e discentes são sujeitos participantes ativos, uma vez que há trocas de informações por meio da linguagem oral ou corporal. Nesse processo, foram analisados principalmente os meios dialógicos. Na sala de aula, é necessário ter espaço para a opinião de todos, e o diálogo entre professores e educandos facilita este aspecto, além de possibilitar conhecimentos e sanar dúvidas, concedendo sentidos e significados para as informações. A prática da comunicação estabelece vínculos e ligações entre os

sujeitos envolvidos. Para Freire (2016), o diálogo é uma “exigência existencial”, sem ele não há comunicação, e sem esta não há educação. Sendo assim no espaço escolar, as interações diárias podem melhorar o ensino-aprendizagem por meio da comunicação.

Outros pontos destacados foram a competição e cooperação entre os educandos dentro da sala de aula, que muitas vezes foram estimuladas pelas docentes. Foi observado que houve cooperatividade e competição nos momentos de atividades planejadas, momentos lúdicos e nos jogos propostos pelas professoras. Foi observado também que, por meio do jogo, os educandos constroem regras e interagem de maneira competitiva ou cooperativa.

Na turma da professora Ana, os alunos não tinham muita interação, por trabalhar de forma individual. No jogo de “batatinha quente”, que foi proposto na sala, foi possível notar que a professora estimulava a competição entre as crianças, e a cooperação era mínima nos grupos que eram formados para jogar, exemplo: grupo de meninos e meninas. Em contrapartida, a professora Beatriz utilizava momentos lúdicos e jogos na sala. Ela trabalhava de diversas formas: em grupos, duplas, equipes. Na maioria das vezes, a professora utilizava os jogos cooperativos, e em sua fala ela pedia que os educandos das equipes se ajudassem para que nenhum ficasse em níveis diferentes. Percebe-se que ela utilizava jogos competitivos, mas conversava com os alunos antes, demonstrando que o importante era jogar, participar, não somente ganhar ou perder. Nesses jogos, ela preferia trabalhar em grupos, para que os alunos não achassem que um é superior ou inferior aos outros, mas que, com a dúvida ou acerto do colega, eles podem aprender.

Este estudo foi importante, pois proporcionou um olhar minucioso sobre as relações sociais entre docentes e discentes, onde foi possível identificar e analisar as práticas pedagógicas, o diálogo, a competição e a cooperação no ambiente escolar, onde houve condições favoráveis de observação proporcionando uma articulação da vivência com a fundamentação teórica.

Como pesquisadora, se tornou evidente para mim, que as práticas docentes e a interatividade com os educandos têm um papel significativo na formação dos sujeitos e acabam influenciando nas relações sociais, e que os alunos se pautam muito nas atitudes dos seus educadores para se desenvolverem. Foram observadas muitas experiências, que mostraram como um educador faz a diferença dentro de sala de aula, e como é necessário ter um preparo tanto acadêmico como psicológico para lidar

com as situações escolares, algumas rotineiras e outras que surgem ao acaso. É necessário, como futura educadora, pensar em maneiras de como proporcionar a interatividade com e entre os alunos para uma melhor participação, e estar sempre aberta ao diálogo, consciente de que o professor não é o único detentor do saber.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Rodrigo Janot Monteiro. Et al. **Diálogos e mediação de conflitos nas escolas**: Guia Prático para Educadores. In: Conselho Nacional do Ministério Público. 2014. Disponível em: <http://www.cnmp.mp.br/portal/images/stories/Comissoes/CSCCEAP/Di%C3%A1logos_e_Media%C3%A7%C3%A3o_de_Conflitos_nas_Escolas_-_Guia_Pr%C3%A1tico_para_Educadores.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2016.
- BROTTO, Fábio Otuzi, **Jogos Cooperativos**: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. 1999. 209f. Dissertação (mestrado) – UNICAMP.
- CALIL, Ana Maria Gimenes Corrêa. **Wallon e a educação**: uma visão integradora de professor e aluno. In: Contrapontos - volume 7 - n. 2 - p. 299-311 - Itajaí, mai/ago 2007. Disponível em: <<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/viewFile/907/762>>. Acesso em: 12 out. 2016.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- COLODEL, Cristiane. **A relação Professor- Aluno**. UEPG: 2010. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAthsAD/a-relacao-professor-aluno>>. Acesso em: 12 nov. 2016.
- CUNHA, Maria Isabel da. A relação professor-aluno. In: VEIGA, Ilma Passos Alecastro (Org.). **Repensando a didática**. 25. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2004. (Coleção magistério: formação e trabalho pedagógico). p. 149-159.
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade/ Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes; Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- DIAS, Sandra Silva. **Dialógica e interatividade em Educação on-line**. In: Revista Digital Simonsen. Rio de Janeiro, n.1, Dez. 2014. Disponível em: <http://www.simonsen.br/revista-digital/wp-content/uploads/2014/12/Revista-Simonsen_N1_Sandra-Silva-Dias.pdf>. Acesso em: 19 set. 2016.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa/ Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. 8 ed. rev. atual. – Curitiba : Positivo, 2010. 960 p.
- FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. **A escola e o ensino da leitura**. In: Psicol. estud. vol.7 no.1 Maringá Jan./June 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722002000100007>. Acesso em: 14 dez 2016.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 2016.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** 25 ed. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2002.

GAMBOA, Silvio Sánchez. **Pesquisa em educação: métodos e epistemologias/** Silvio Sánchez Gamboa. Chapecó: Argos, 2007.

GARCIA, Euci Vieira Torres; MATOS, Moacir Ávila de Jr. **Vivendo a cooperação na escola!** UEPE: 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1561-8.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa/** Antonio Carlos Gil. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GIUSTA, Agneta da Silva. **Concepções de aprendizagem e práticas pedagógicas.** In: Educ. rev. vol.29 no.1 Belo Horizonte Mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-46982013000100003&script=sci_arttext&tlng=es>. Acesso em: 26 set. 2016.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LA TAILLE, Yves de, OLIVEIRA, Marta Kohl de, DANTAS, Heloysa. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** São Paulo: Summus. 1992. Disponível em: <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/11/PIAGET-VYGOTSKY-E-WALLON.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A afetividade em sala de aula: As condições de ensino e a mediação do professor.** Unicamp: 2012. Disponível em: <<https://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASL-AAfetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. Et al. *Competição e cooperação: na procura do equilíbrio.* In: Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 129-143, jan/mar. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbce/v35n1/a11v35n1.pdf>>. Acesso em: 9 nov. 2016.

LUCCHI, Marcos Antonio. *A proposta de Vygotsky: a psicologia sóciohistórica.* In: Revista de currículum y formación del profesorado, n. 10. 2006. Disponível em: <<http://www.ugr.es/~recfpro/rev102COL2port.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2016.

LÜDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas (Temas básicos de educação e ensino) / Menga Lüdke, Marli E.D.A. André.** São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

MARLI. E.D.A. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani (Org.) **Metodologia da Pesquisa Educacional.** 12. ed. São Paulo: Cortez, 2010, p. 39-50.

MARQUES, Luciana Pacheco; OLIVEIRA, Sâmya Petrina Pessoa de. **Paulo Freire e Vygotsky: Reflexões sobre a educação**. PE, Recife. 2005.

MARTINS, João Carlos. *Vygotsky e o Papel das Interações Sociais na Sala de Aula: Reconhecer e Desvendar o Mundo*. In: Série Idéias n. 28. São Paulo: FDE, 1997. P: 111-122. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_p111-122_c.pdf> Acesso em: 26 set. 2016.

MATTA, Alfredo Eurico Rodríguez; CARVALHO, Ana Verena. **Interatividade** – definindo o conceito para educação contextualizada e sócio - construtivista. Bahia: 2008. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/57200810101AM.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2016.

MIRANDA, Eliza. **A psicologia e o mestre**. In: L.V. Vigotski. **Psicologia Pedagógica**. São Paulo. 2010. p: 445-464. Disponível em: <http://www.geografia.ffe.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Eliza/FLG702/Seminarios/4%C2%BA_Seminario-A_pertinencia_do_uso_de_imagens_no_ensino_de_Geografia/L.S.Vigotski_A_psicologia_e_o_mestre_Cap.XiX.pdf>. Acesso em: 26 set. 2016.

MORALES, Pedro. **A relação professor-aluno: o que é e como se faz**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.

MOREIRA, Marco Antônio. **Aprendizagem significativa crítica**. Porto Alegre, RS, 2000. In: III Encontro Internacional sobre Aprendizagem Significativa, Lisboa (Peniche). Disponível em: <<http://www.if.ufrgs.br/~moreira/apsiqcritport.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

_____. **Teorias de Aprendizagem**. SP, São Paulo: EPU, 1999.

MULLER, Luiza de Souza. **A interação professor-aluno no processo educativo**. 2002. p. 276-280. Disponível em: <https://www.usjt.br/proex/arquivos/produtos_academicos/276_31.pdf>. Acesso em: 26 set. 2016.

OLIVEIRA, Isolina; SERRAZINA, Lurdes. **A reflexão e o professor como investigador**. V. 29. p: 29-40. 2002. Disponível em: <<https://scholar.google.com.br/scholar?um=1&ie=UTF-8&lr&q=related:VrSmmbBEALRB3M:scholar.google.com/>>. Acesso em: 6 nov. 2016.

PALMIERI, Marilícia Witzler Antunes; BRANCO, Angela Uchoa. **Educação Infantil, cooperação e competição: análise microgenética sob uma perspectiva sociocultural**. In: Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE). Vol. 11 N. 2 Julho/Dezembro 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n2/v11n2a14> >. Acesso em: 19 set. 2016.

PEREIRA, Márcio. **Desenvolvimento psicológico segundo Vygotsky: papel da educação**. UEMG: 2002. Disponível em: <<http://maratavarespsictics.pbworks.com/w/file/attach/74224757/69738987->

DESENVOLVIMENTO-PSICOLOGICO-SEGUNDO-VYGOTSKY.pdf>. Acesso em: 26 set. 2016.

PIMENTEL, Alessadra. **Vygotsky**: uma abordagem histórico-cultural da educação infantil. In: OLIVEIRA – FORMOSINHO, KISHIMOTO, PINAZZA e COLS.

Pedagogia (s) da infância: dialogando com o passado, construindo o futuro. 1. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007, p. 219-248.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky. **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. RJ: Vozes, 1995.

RODRIGUES, Alberto Tosi. **Sociologia da Educação**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lamparina. 2011.

SILVA, Marco. **O que é Interatividade**. Rio de Janeiro. 2003. Disponível em: <<http://www.senac.br/informativo/bts/242/boltec242d.htm>>. Acesso em: 19 set. 2016.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa. **Aprendizagem e trabalho pedagógico**. Vários autores. Campinas, SP: Alínea, 2006.

TACCA, Maria Carmen Villela Rosa; BRANCO, Angela Uchoa. **Processos de significação na relação professor-alunos**: uma perspectiva sociocultural construtivista. In: Estudos de Psicologia. n. 13. p: 39-48. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v13n1/05.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2016.

TIBA, Içami. **Ensinar aprendendo**: novos paradigmas na educação / Içami Tiba. — 18. ed. rev. e atual. — São Paulo: Integrare, 2006. Disponível em: <http://www.integrareeditora.com.br/imp_download/gh59cu9qtv_2013_07_livreto_en_sinar_aprendendo.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2016.

VIGOTSKI, Lev S. **Imaginação e criação na infância**: ensaio psicológico: livro para professores/ Lev Semionovich Vigotski: apresentação e comentários Ana Luisa Smolka: tradução Zoia Prestes. 1. ed. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991. _____: Uma perspectiva histórico-cultural da educação/ REGO, Teresa Cristina. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Educação e conhecimento)

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

A Universidade de Brasília me abriu um leque de opções para o futuro. Após o término do curso de Pedagogia, meu foco será estudar para passar e ser chamada no concurso da Secretaria de Educação do Distrito Federal para professor efetivo. Entretanto, tenho como um segundo plano o concurso para professor substituto e para outras localidades, onde pretendo atuar como professora dos anos iniciais.

Quando já estiver inserida no ambiente de trabalho pretendo voltar para a Universidade para cursar uma pós-graduação, e talvez mestrado e doutorado. Pretendo ainda cursar uma segunda graduação em Psicologia ou Assistência Social.